

Os Animais Declamam e Cantam



Ilustração de capa por Lívia Hay

Poesia e música em defesa dos animais

Organização por Maurício Kanno

SUMÁRIO

Prefácio

Apresentação

Depoimentos sobre volume 1

*

1) Poesia Brasileira (33, de 21 autores)

1.1) Irmãos Terráqueos

Haikai aos Animais (Maurício Kanno)

Somente (Livia Hay)

O Canto da Baleia (Bruno Müller)

Compaixão Indolente (Danielle Bandeira)

Como Anda o Teu Canto (Dimas Gomez)

A Dor de Ser (Gerson Luiz)

1.2) Humanos

Não entendo o ser Humano (Leonardo Ortegá)

Dilema (Rodolfo Junior) *[arrumar notas de revisão]*

Hipocrisia (Rodolfo Júnior)

Incoerência (Rodolfo Junior)

1.3) Liberdade e Escravidão

Eu Não Quero Segurar (Fer Moreno)

Dos Tempos da Escravidão (Leonardo Ortegal)

Notícia de Internet (Zélia Bora)

Evolução (Paula Dassie)

Para Cantar e Voar um Dia (Fer Moreno)

Escravos de Hoje (Maurício Kanno)

1.4) Festa

Partes de Mim (Francielle Piuco Biglia)

Poema para a Noite de Natal (Leonardo Ortegal)

Celebração (Marcelo Rossin)

É Cultural... (Carol Magalhães)

Embriaguês de Razão (Rodolfo Junior)

Leitão Pururuca (Zetti Nunes)

Vitrine Vital (André Pinto)

1.5) Dor

Dor Animal I & II (Viviane Lima)

Animalia (Clio Francesca Tricarico)

Vidas Inocentes (Elen Abreu)

Versos vegetais semeiam paz (Infinita Devi)

Mar de Sangue (Elen Abreu)

Consumi-Dor (Infinita Devi)

1.6) Humanos de Esperança

Princípios (Bruno Müller)

Poema Vegano (Jonas Worcman)

As Línguas do Amor Insurgente (Leonardo Ortegá)

Sem Paz no Coração (George Guimarães)

*

2) Poesia da América Hispânica (14, de 14 autores)

(Traduções ao português por Francielle Piuco Biglia)

2.1) Ar

A Jaula (Erasmus Rodríguez Barreto) {Colômbia}

Colibri (Carlos Urbina Algarin) {Colômbia}

O Céu é dos Pássaros (Walter Flores Aguilar) {Peru}

Colibri (Elena De Latorre) {Chile}

Colibri Bico de Ouro (Armando Azcuña Niño de Guzman) {Peru}

Liberdade (José A. Guzmán Carrascal) {Colômbia}

2.2) Terra

Quem Nasceu Rei e Nunca Chegou a Ser Vencedor (Julia Veintimilla) {Equador}

Incerteza de um Tamanduá-Bandeira que Habita no Silêncio (Samuel Ancajima Mena) {Peru}

Não Te Diz Nada? (Maria de los Angeles Roccato) {Argentina}

Urso Andino (Karina Gálvez) {Equador}

2.3) Água

Réquiem para um Lobo Marinho na Praia (Felix Hugo Noblecilla Purizaga) {Peru}

Guaraçuma (Leonora Lombardi) {Chile}

A Meus Amigos Golfinhos (María René Alemán Flores) {Peru}

Canto Final (Wilma Borchers Carrasco) {Chile}

*

3) Canções (37, de 12 autores)

[Checar com os autores de desejam incluir seu trabalho aqui ou no infanto-juvenil.]

3.1) MPB

O Alimento (Maga Lee)

O Remédio (Maga Lee)

O Sonho (Maga Lee)

As Marias (Maga Lee)

O Amor de um Cão (Ananda Botelho Mendes e Sergio Filho)

O Mundo é Vegano (Luís Martini)

Pãozinho Vegano (Luís Martini)

3.2) Pop-rock

Libertação Animal (Clésio Tapety)

O Sr. H (David Turchick)

Os Meus Escravos (David Turchick)

Falta de Mar (Carol Magalhães e David Turchick)

Um dia eu parei pra pensar (Eline Belier)

3.3) Rap

Contra o Extermínio (Marcos Favela)

Go Vegan (Andrezão GDS)

3.4) Paródias de Carnaval

Preste Atenção [Abre Alas] (Maga Lee)

Coração Vegano (Maga Lee)

A Galinha Chorou (Maga Lee)

Maria Bonita (Maga Lee) & Acorda, Maria Vegana (Maurício Kanno)

Laticínio faz Bezerra Chorar (Maurício Kanno) & Mamãe eu Quero [Leite] (Maga Lee) & Mamãe Não Quero [Jaula] (Maga Lee)

Zoológico é Prisão (Maurício Kanno)

Que Sofrimento e Dor (Maga Lee)

Olha que Sacana esse Caubói (Maurício Kanno)

Pegando Fogo (Maga Lee)

Que Sofrimento e Dor [Bandeira Branca] (Maga Lee)

Você Pensa que Animal é Coisa (Maga Lee)

Ave Depenada não Voa Mais (Maurício Kanno)

3.5) Paródias de Natal (Maga Lee)

A-bate o Suíno

Noite Infeliz

Deu Branco no Natal

3.6) Paródias sortidas

VegElise (Maurício Kanno)

Marcha Imperial Antropocêntrica (Maurício Kanno)

Ai, te Coloca Lá Onde Tá a Vaca (Maurício Kanno)

Asa Branca da Liberdade (Zetti Nunes)

*

Minibiografias dos autores

Prefácio

Foi um grande desafio produzir este livro, o segundo da trilogia animalista “Os Animais Também Contam”, no sentido de que este volume reúne obras de poesia e música. É que, para mim, elas são coisas tão difíceis de avaliar, de opinar. Fogem a tantas regras. É comum que muita gente acabe por, em alguns estouros de emoção, ou para demonstrar delicadeza e afeto, busque expressar-se por meio de versos. Por exemplo, no caso de quando a gente se apaixona. E sofre por amor.

Aqui é um tipo de amor diferente que está em jogo. Não o amor romântico, entre homem e mulher, ou entre homem e homem, ou mulher e mulher. Mas entre humanos e “animais”, como costumamos chamá-los, apesar de nós também sermos animais. Ou seja, no fim das contas é entre animais humanos e não humanos.

Porém, notar que, ao contrário do que muitos pensam, a defesa dos animais não é baseada somente e necessariamente em “amor”; mas sim, também muito em razão. Em respeito. Em ética. Assim como a poesia, ao contrário do que o senso comum sugere, também não é para ser construída puramente na emoção — foi algo que às vezes foi difícil de argumentar com alguns autores que amam poesia, por sinal. Mas deve ser montada com técnicas. Com sensibilidade e conhecimento da língua, do som, do ritmo.

Sabe, sinto que muitos dos vegetarianos e veganos perceberam que há tanta exploração violentíssima acontecendo contra os animais cotidianamente, que acabaram sentindo então uma explosão de emoções semelhante a essas românticas que desenvolvemos desde a adolescência. Portanto, a poesia aqui é um prato cheio para se comunicar esses sentimentos (e razões) de defesa dos animais.

Eu até comprei o livro *Poesia não é difícil*, de Carlos Felipe Moisés, e o estudei de cabo a rabo, para ver se me ajudava na árdua tarefa de selecionar estes textos e ajudar os autores colaboradores a aprimorá-los. Mas os poemas são algo tão pessoal dos autores, que é difícil pra caramba mexer algo neles. Mesmo assim, usei de minha visão crítica e algo do que aprendi sempre que possível pra indicar alguma inconsistência em padrões estabelecidos, além de fazer revisões da língua.

Também acabei, no decorrer do processo, sentindo-me com segurança para recusar alguns poemas. Difícil dizer a um poeta que seu poema “não tem poesia” no meu entender. Mas neste caso é preciso ser fundamentado. Não gosto quando me dizem que “x livro ou poema ou texto não tem poesia” e fica por isso mesmo. Como se o crítico soubesse e só ele tivesse a autoridade absoluta em decidir o que é e não é poesia sem dever satisfação a ninguém.

Eu jamais faço isso. Explico por exemplo baseado no que estudei, ainda que relativamente pouco sobre poesia, mas já ajuda a orientar: “faltou lirismo, musicalidade, ritmo, figuras de linguagem, está com afirmativas muito diretas, parece um artigo, falta jogo/figuras de linguagem, como metáforas”, etc. Estou à disposição pra dar exemplos. Pegar trechos de um poema ou canção e mostrar onde está a poesia ali em alguns versos e onde não está. Sempre justificar é preciso.

Já quanto às canções, não me senti capaz de mexer em nenhuma delas. Não entendo de música o suficiente para isso e confiei então nos autores que as compuseram. Mesmo assim, como leigo, elas me agradaram. A única coisa que eu mesmo produzi de canções foram paródias, começando por marchinhas de carnaval, passando para brincadeiras com outras músicas famosas, como *Oh, Susana*, ou *Für Elise*, de Beethoven.

Ao leitor, desejo que flua por estas páginas, compartilhando da literatura que aqui vive e vibra. Em nome de uma causa. Assim como Castro Alves declamava seus versos aguerridos em defesa dos negros em sua época, contra a escravidão, nós, hoje, clamamos contra a escravidão que persiste, e que só há relativamente bem pouco tempo foi percebida, ainda por tão poucos: a dos animais de outras espécies, que não a nossa, arrogante e tão autocentrada espécie humana.

Maurício de Paula Kanno (Organizador)

25/07/2016

[falta falar mais da importância do formato música dos versos, como disse o próprio carlos felipe moisés... e sua divulgação pela música brasileira! E a importância gigantesca desse formato para a propagação das ideias veganas como poesia! Música, afinal, também é poesia, apesar de nem sempre nos darmos conta disso!]

Apresentação

Em *Os animais declamam e cantam*, os animais contam suas histórias e suas emoções por meio da declamação e do canto. E é muito apropriado que o poema seja a voz dos animais. Porque a palavra, no poema, é livre de sentidos dicionarizados. O sentido, no poema, nasce naquele poema, é original. E aqui, a palavra poética quer mostrar o que nasceu no coração e nas mentes das pessoas do mundo todo: a ideia de que os animais não humanos merecem tratamento ético. Os autores desses poemas têm, todos, esse ideal: mostrar as histórias e os sentimentos dos animais, de forma que as pessoas pensem como se relacionam com eles. A mensagem é a de que o animal não humano não pode ser tratado como coisa à disposição do ser humano. Não há mais argumentos defensáveis para a crueldade de criação e morte dos animais confinados em galpões, laboratórios, jaulas.

Os poemas mostram como ser humano e animal são semelhantes. Lembram que somos todos animais. Todos nós, animais, queremos viver livremente. E todos somos capazes de sentir dor, medo, frio, fome. Os poemas dizem que devemos tratar os animais como queremos ser tratados. Em *Animalia*, de Clio Francesca Tricarito, o eu lírico lembra que animália é toda carne viva que está em corpo com *anima* que pulsa. *Anima* é vida, em latim, o nosso mundo interno, nosso *ethos*, nosso: humano e animal. “Não entendo o ser humano”, de Leonardo Ortegá, mostra revolta com a indiferença humana em relação aos animais usados como comida: “Tem medo de morrer mas se agrada em ver o morto no prato/ E comer no garfo bem temperado para dar sabor”. O poema “Celebração”, de Marcelo Rossin, pinta uma cena de banquete que, ao eu lírico é mais um funeral. O eu lírico vê cadáver no corpo onde os outros veem comida. “Leitão Pururuca”, de Zetti, é lírico e realista. Lírico porque a palavra é ambígua, emocionada, e realista porque foca o nascimento de um leitão até o momento do seu assassinato. O eu lírico canta a própria dor, a dor do porco, a hipocrisia humana.

Esses textos são excelente material para se usar em aulas no ensino fundamental e médio com o fim de estudar a causa animal. O poema, com seus jogos de palavras, rimas, melodias, polissemia pode ser a porta de entrada para o mundo da abolição animal.

Nossa esperança é a de que os poemas cheguem até o seu leitor, que as pessoas conheçam a abolição da exploração animal. A única forma de fazer os animais pararem de sofrer é parar de usá-los.

Por Evely Libanori

[Doutora em Teoria Literária, professora de Literatura Latino-Americana na Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Teorias Linguísticas e

Literárias da Universidade Estadual de Maringá/PR. Líder do grupo GAIA – Grupo de Atividades Interdisciplinares sobre os Animais. Autora de *Nós, Animais* (livro de crônicas abolicionistas), *Representação Animal na Literatura*, *Representação Animal: perspectivas literárias de análise* (ensaios acadêmicos sobre a presença dos animais na Literatura).]

Depoimentos *sobre o volume 1 da série, “Os Animais Também Contam – Histórias por Aqueles que Não Escrevem”*

*

“A diversidade é um dos diferenciais desta trilogia, e por isto fiz questão de participar. Autores veganos e não-veganos escrevem aqui – basta amar os animais e querer fazer alguma diferença em prol dos bons tratos, do respeito ao irmão animal. Neste espaço em forma de livro, pudemos mostrar – sob os olhares, cores, formas e ângulos mais diferentes – a urgência da discussão deste tema. É um livro pela vida.”

Paula Dassie, publisher em Darmstadt, Alemanha

*

“Achei o livro sensacional, sensível e oportuno. Contos escritos de forma simples mas de uma grande intensidade de amor pelo outro semelhante. Emocionante, tocante, revelador, ativista!”

Francisca Isabel de Moura, da Associação Piauiense de Proteção e Amor aos Animais (Apipa), em Teresina (PI)

*

“Oscar Wilde já dizia que não existem livros morais ou imorais, existem apenas livros bem ou mal escritos. Seguindo essa linha de raciocínio, costumo dizer que não acredito em textos engajados ou desengajados – preocupo-me apenas em saber se um texto é literariamente bom ou ruim. A razão é que

literatura é arte, e a arte deve, antes de mais nada, produzir efeito estético que transcenda qualquer intenção política, pedagógica ou doutrinadora de seu autor.

Ao escrever para a coletânea ‘Os animais também contam’, guiei-me por esse princípio, confiando que a melhor maneira de fazer transparecer ao leitor uma visão de mundo – a defesa dos direitos animais, no caso – é deixá-la falar através da beleza, e a beleza, por sua vez, nasce ao se combinar uma narrativa bem urdida, personagens consistentes e descrições harmoniosas, que agucem diretamente os sentidos.

Sendo assim, meu conto ‘A semente do fogo’ é uma reflexão sobre se existe alguma diferença fundamental entre aqueles grupos de animais que protegemos ou mesmo reverenciamos e aqueles que matamos para comer, mas é, sobretudo, um testemunho da minha eterna busca pela palavra no ofício de fazer ficção.

Sou, portanto, um escritor vegetariano, e não um vegetariano escritor. Talvez o leitor encontre esses dois tipos de autores em ‘Os animais também contam’, e caberá a ele, em meio à diversidade, destacar seus textos favoritos e ajudar a divulgá-los para que mais e mais pessoas conheçam a literatura animalista abolicionista, essa peculiar forma de abordar a relação entre o homem e os outros animais.”

Rafael Bán Jacobsen, escritor de Porto Alegre (RS)

Poesia

Irmãos Terráqueos

Haikai aos Animais

Maurício Kanno

Veja os animais:

Têm olhos e coração.

Não são simples coisas.¹

Doubutsu wo mitte,

Me ga kokoro mo aru.

Butsu dewa nai.

動物を身って、

目が心もある。

物でわない。

¹ Em japonês, os ideogramas que formam a palavra "animal" (*doobutsu*, *doubutsu* ou 動物 em kanji) são a junção dos que significam "movimento" e "coisa", ou seja, literalmente seria "coisa que se move". No caso destes haikais, a tradução foi feita respeitando-se a metrificação tradicional nos dois idiomas; na versão em japonês, sumiram apenas a palavra "apenas", além do sentido de plural.

Somente

Livia Hay



Ilustração da autora

Peguei-me certo dia
Querendo fazer poesia
Para os animais.
Arrisquei versos, rimas
Palavras, frases
E umas letras mais.
Nada funcionou,
Somente letras mortas
Palavras mudas.
Tão mortas e mudas
Quanto os animais tomados
Em seus dias cinzas e iguais.
Somente versos e rimas vazios
Como a consciência humana
Em seus tratos.
Somente uns poucos
Versos dispersos
Sem cor ou tato.
Tão ápticos quanto
Vidas em cativeiro.
Somente letras presas em
ideias perdidas.
Tão presas e perdidas
Quanto bichos
Em sua liberdade detida.
Chega!, eu sabia
Chega de poesia inútil e incapaz
De expressar
A agonia silenciosa
Da prisão, da opressão
Dos animais.
Chega!, eu sabia mais
Essa vida animal que já
É consumida morta
Não se apraz.
Eu tenho o direito de viver
E sonhar
Como entender.
Eu não sou diferente de outros
Ou você.
Mas a grama que você pisa
É meu jantar.
E o leite do seu filho é o mesmo
Que o meu filho deixou de tomar.
E ao tempo em que você

Mal me vê,
Estou a refletir,
Versos criar.
Às vezes tenho a questão:
Será que humanos raciocinam?
Mas logo vejo: absurdo, não.
As palavras ainda me escapam
Nesse dia.
Vou continuar a buscar.
Penso em dar minha poesia
Meu presente do saber
Aos animais.
Porém sei que merecemos
Um pouco mais.
Que é que se pode querer?
Talvez somente
Amor, respeito, carinho
E a liberdade de viver.

O Canto da Baleia

Bruno Müller



Ilustração por Azul Cantú

A baleia navega pelas profundezas dos oceanos
Senhora de todos os mares distantes
Carrega consigo recordações de antanhos
De tempos felizes em águas rutilantes
Da procriação em encontros momentâneos
Do afeto dedicado aos seus infantes
Mas faz-se, da memória, um fardo, ao longo dos anos
E entoia a baleia seu canto lamuriante
Por aquelas levadas por gananciosos tiranos
Tão jovens, sangradas por um arpão perfurante

Compaixão Indolente

Danielle Bandeira

Pelo trajeto desordenado,
Tal como é incerto o destino,
Chegaria ao outro lado
Se não houvesse um assassino.

Aquela precária acrobacia
Lançou-me ao asfalto. Estirado.
A opressão já se inicia,
Ninguém socorre o atropelado.

Madrugada de escuro denso,
Agonizante, ruídos ameaçadores.
Açoita-me com frio tão intenso
Já maior do que as dores.

Padecendo a cada segundo...
Que compaixão a um pobre moribundo?
As luzes vêm, as luzes vão.
Nenhuma delas se importa com um cão.

A esperança quer que eu sucumba.

É na amargura que eu definho.

De pedra é minha tumba.

Venha, morte, cá estou sozinho.

Venha morte!

Minha tumba...

Estou sozinho...

Tumba...

Só...

Como Anda o Teu Canto

Dimas Gomez

Como anda o teu canto, amigo?
Como anda tua voz velada,
sempre calada,
de contralto, soprano,
animal não-humano.

Chega de silêncio, amigo,
garganta rouca, amígdala inflamada,
testada para narcóticos anônimos
assassinos mercadológicos,
farmacológicos atômicos,
um lanche nu: carne preta
de drogas 'necessárias'.

Como anda o teu canto, meu amigo?
Sem noite, sem pele, sem leite, só.
Como anda a tua alma, meu irmão?
Que ninguém reconhece
- a ninguém enternece -,
julgam-te máquina de secreções.

Pele, carne, osso e mel.
À tua cria, nenhuma clemência.
Entrevada, *baby-beefs*,
pérfidos acepipes
- senis hipócritas saboreiam *foie gras*.

Canta, amigo, canta!
Desrouca a garganta,
ruidoso, chiado, uivo raivoso,
que é dado o tempo,
da tua voz ecoar.

A verdade vem à tona
e não haverá lona,

pra encobrir o teu cantar.

A Dor de Ser

Gerson Luiz

Dizem que nós somos coisas simples e sem valor,
Incapazes de pensar, e nem mesmo de falar com tanta dor
Riem dos que nos amam, como se fosse simples amar..
Erguem as mãos a quem mal não tem, tão pouco tentar.
Incapazes de amar, nos fazem fio e trapo no atroz mastigar.
Tocam-me como quem esquece o mesmo sangue córrego,
Olhos tristes e lacrimosos já não bastam aos que me veem.
Sentir o fardo é o que me resta, nas desventuras é meu pranto.

Amar já não tem sido constante a quem nada sabe sonhar
Navegar por entre os insanos, em busca nata pelo seguro,
Infirmo força tosca ao espaço a quem quer apenas respirar,
Milimetricamente correr entre os espaços não curvos,
Austera sede pelo simples e fatídico fato de viver livre,
Incontestável a maneira, quero ser livre como quem amo,
Simplesmente acordar ao mesmo sol e livre eu canto.

Humanos

Não Entendo o Ser Humano

Leonardo Ortegá

Não entendo por que todo ser humano é tão cheio de nojeira

Se todo mundo esconde atrás da cara bela uma bela cara de caveira

Não entendo porque o ser humano valoriza tanto o outro pelo exterior

Se todo modelito traz consigo o intestino um volumoso saco de cocô

Não entendo todo esse receio pra entocar o dedo dentro da narina pra higienizar

Se toda essa dita sujeira baila junto com a poeira

E toca o corpo todo quando o corpo toca o ar

Enoja o podre o homem enquanto os mortos corpos que consome

Jazem dentro do abdome a se decompor

Tem medo de morrer mas se agrada em ver o morto no prato

E comer no garfo bem temperado para dar sabor

Dilema

Rodolfo Junior

Nos damos o direito de falar
Que somos os donos do altar
Rogamos santa proteção
Causamos dor e humilhação.

Alma é exclusividade nossa
Não venha nos contradizer
Está escrito no livro do **Senhor**
Que tudo podemos fazer

Outros livros não citamos
Por medo, talvez ganância.
Não nos chamem de **burros**
Isto é só ignorância

Não mate outro ser humano
Animais não tem **nada a ver**
Se eles não podem falar
Que mal tem os comer?

Fingimos ser necessidade
Mas é puro paladar
Essa é a verdadeira desculpa
Para os inocentes podermos explorar

Meu pai comia peixe
Logo, também posso comer
Se ele pular da ponte
Eu também vou morrer

Se todo mundo faz
Não é possível estar errado
Eu choro se for um cachorro
Mas não ligo ser for o gado

Não quero ver sangue
Sangue eu não posso ver
Eu só como essa picanha
Por que não vi o boi morrer

Mas carne é proteína
Eu preciso pra viver
Mas o que é proteína?
Isso eu não sei dizer

**Eu adoro os animais
Eles são minha vida
Mas não toque nesse bife
É meu prato de comida**

Mas leite não tem **nada a ver**
A vaca não morreu!
Só morre quando a exploração acabar
Assim como um judeu. [??]

Ovo é uma delícia
Vem lá da rocinha
Na verdade vem de uma granja
De uma pobre galinha

Ovo é delicioso
Não me diga que é menstruação
O que os olhos não veem
Não fere o coração

Você não vê maldade em ovos
Mas deveria ver
Ovos são produtos
De alguém que nunca viu o **sol** nascer

Se a dor não é em mim
Tudo bem, judiação
Não posso parar de comer
Pois é grande a tradição

Não machuque **os** meus filhos
Eu os amo de coração
Isso é vitela?!
Eba! Muito bom!

Domingo eu vou na missa
Religião é dia a dia
Mais tarde tem churrasco
Viva a hipocrisia

Parar de comer eu não consigo

Mas com você eu concordo
Matar animais é um pecado
Quem sabe um dia eu acordo

Odeio crueldade com animais
Não façam isso perto de mim
Aqui hoje tinha churrasco
Por isso que eu vim!

Leia a **Bíblia** moço maluco!
Não quero conversa não!
Vou embora rapidinho
Pra não cair em contradição.

Ser humano sabe pensar
Disso eu sei, isso eu sinto
Mas se um animal faz um lindo ninho
Disso eu sei, é instinto.

Ser humano é racional
Mestre em computação
Mas esqueceu o essencial
Amor e compaixão

Animais não são comida
Então o que vou comer?
Não seja **desentendida**,
O que a terra faz crescer.

Que triste viver num mundo
Onde a escravidão não acabou
A exploração continua
Só a vítima que mudou.

Cansei deste mundo cruel
Na terra não quero mais viver.
Só volto neste planeta
Quando a bondade aparecer.

A maioria só pensa em dinheiro
Sucesso e televisão
Eu só penso na vida
Dos que sofrem a escravidão.

Hipocrisia

Rodolfo Junior

A alma move a matéria
Como as estrelas se movem no céu

Ser humano é desenvolvido
Apenas no modo de ganhar
Envolvido em exploração
Mestre em assassinar

Humanos são crianças grandes
Crianças que não sabem perder
Crescem somente no tamanho
Chorando pelo doce poder

A humanidade já cresceu
Já perdeu toda a inocência
Não olhe para o céu
Ao se alimentar de violência

Esse animal pensa que pensa
Se coloca no topo da cadeia alimentar
Acha que todo animal não pensa
Mas com nenhum deles consegue se comunicar

Padres, madres e pastores
Pregam o amor incondicional
Amam apenas sua espécie
Exploram todo o reino animal.

Com eles eu tentei conversar
Mas todos diziam “me deixe”
Esqueceram o amor incondicional
Pois Jesus só comia peixe.

Deixe Jesus no céu
Ou o coloque no seu coração
Em verdade e verdade eu vos digo

Os animais merecem compaixão.

Incoerência

Rodolfo Junior

Como assim você ama o cão?
E ao mesmo tempo financia o mercado
Não enxerga a clara incoerência
Não considera isto um pecado?

Como pode comprar de um assassino
Pedacos de alguém que viveu?
Alguém que sentiu muita dor
E por sua culpa morreu.

Como isto pode estar certo?
Onde está a sua bondade?
Matar não é necessário,
É apenas vaidade.

Como consegue dormir?
Achando que é natural
Será que é tão difícil assim
Se pôr no lugar do animal?

Será tudo isso um medo
De ser um estranho na sociedade?
Prefere o sorriso dos outros
Ao sair da crueldade?

Será preguiça de pensar?
Será cegueira? Paladar?
Ou será apenas comodismo?
Dificuldade de amar.

Eles gritam no matadouro.
Gritos de dor, de inocência!
Mas ha poucos pra socorrer
Pra acabar com a violência.

Eles choram espremidos
Em gaiolas, campos de concentração
O nazismo não acabou
Só mudou de nome desde então.

Liberdade e Escravidão

Eu Não Quero Segurar

Fer Moreno

segura peão
a vida
a vida de um animal
que não tem mais vida
nas suas mãos!

segura peão
um coração
um pulsar único
que tenta retomar o pulso
longe das suas mãos!

segura peão
um ser inocente
que se debate contra si mesmo
na tentativa de se livrar de você
para ser apenas ele, livre!

se libertar de você
um monstro em cima dele
que o prende
que o mata sem enfiar a faca
quanta vexação!

que o mata
porque tira-lhe a liberdade
porque o machuca
numa estúpida dita brincadeira
covardia não gera alegria!

segura peão
a brincadeira
de sacudir uma vida
que não tem mais vida
nas suas mãos

segura peão
a minha revolta
a minha dor

a minha escrita
o meu grito!

não, não segura, não!

Dos Tempos da Escravidão

Leonardo Ortegal



Ilustração por Mariana Hiroki

Sofrer é uma sina sem fim

Sofrer é o que resta à minha vida

A paz é uma guerra perdida

Seu mundo é imundo e ruim

Minha terra era verde e sem amos

Por onde eu andava certo

Mas olho pra esse cativoiro
E nem sem dizer onde estamos

Socado em caçambas e botes
Foi meu lar deixado pra trás
Pras terras de um senhor voraz
Em trilhas de horrores e mortes
Grilhões fazem parte de mim
Do senhor sou ama de leite
Enquanto os meus morrem de sede
E dizem que o mundo é assim

Roubar minha vida é o progresso
Torturar-me é o seu combustível
Quisera eu fosse impossível
Sofrer toda a dor que atravesso

Não vê que sou seu semelhante?
Não vê que sou como você?
Me olha, mas finge não ver
E assim permanece distante

Percebo em seu olhar sem brio
Que sabes de tal condição
Instalada em teu coração

Por mais que pareça sombrio

Mas quantos nesse mundo azedo

Ouvirão e se calarão?

Os tempos da escravidão

São tempos de egoísmo e medo

Notícia de Internet

Zélia Bora

George foi como o chamaram

como faziam-se com os escravos.

Arrebatado pela violência de uma rede,

não pensava para não morrer.

Perdeu, coitado, os seus melhores dias no mar

acanhado,

deprimido,

fizeram-no trocar o mar por um aquário

no City Crab em Nova Iorque.

um vegano, comprou a sua

liberdade sonhada.

Pobre Polvo.

Pobre George

Ele tinha cem anos.

Quantos anos ainda viverá George em casa??

(Originalmente publicado em *Poemas das Cidades Mortas e dos Pequenos Seres Invisíveis*)

Evolução (poesia cantada)

Paula Dassie

Eu vejo os bichos,
Farejo medo.
Sangue inocente,
Nenhum segredo.

Eu vejo os Homens
De rabo preso:
Ovelhas negras,
Ratos sem pelos.

Eu vejo rastros pelo chão...
Quem é que vai defender?
É hora de evolução,
Revolução...

Abolição da escravidão dos animais,
Revolução no coração dos Homens!

Eu vejo grana,
Sangue, poder e solidão,
Desejo e gana

E, acorrentados sem perdão,

Eu vejo os bichos:

O berro preso sem saber;

Atrás das grades -

Só esperando pra morrer.

Só esperando pra morrer...

Revolução!

Evolução dos Homens!

Abolição da escravidão dos animais.

Para Cantar e Voar um Dia

Fer Moreno

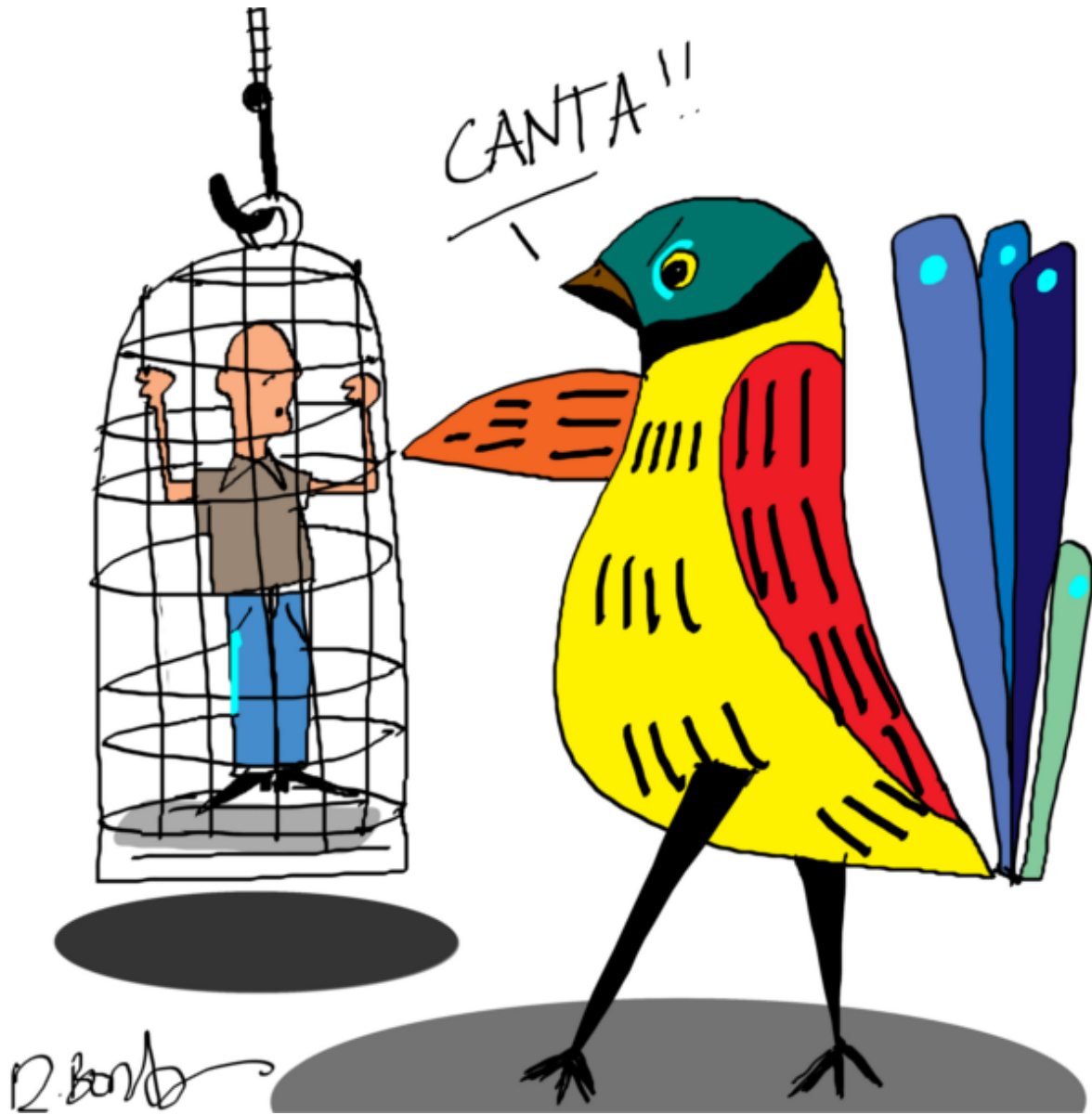


Ilustração por Roberto Berto Paulo

Nasci com a grande magia de ter duas asas
Prontas para me fazerem voar
Ir com o vento
Sobrevoar pequenezas humanas e da natureza

Mas o ser humano, talvez intimidado com este encanto
Ou por sua ignorância, por sua faixa nos olhos e no coração
Fecha-me em grades, sou preso na condição de pássaro
Sem a liberdade que me é essência

Assim minhas asas não batem
Assim não vou com o vento
Sobrevooo apenas em sonho
Em pensamento

Meus gritos são confundidos por canto
Pelos ouvidos acostumados com a prisão
Minhas asas fechadas e seladas com uma pintura
Pelos olhares acostumados com a ilusão

Nasci com o grande crime de não ser um humano
Com asas, com canto
Porém sem forças para arrancar
Grades ou desumanidades

Meu olhar pede por outros olhos

Meu choro implora por outros ouvidos

Para que um dia eu cante e voe

Realizando a simples beleza de viver o que sou

Escravos de Hoje

Maurício Kanno



Ilustração por Silvia Kiss

Oh, Castro Alves,
Eu não posso negar
Que sua luta e sua causa
Eram difíceis para triunfar

Gente de pele escura
Era tratada como animal!
Mas me diz, grande poeta:
Por que o animal - até hoje
É tratado como coisa qualquer?

Evoluímos, pois no século 21,
A turma de pele negra
Não é vendida, não é comprada
Tem sua liberdade pra lutar
Pra montar família e próprio lar

Ainda que essa luta
Seja muito dura
E por herança do passado,
Na minha faculdade pública (e aqui também?)
Não vejo
Os amigos do colégio público
Não tão claros como eu.

Hoje ninguém discorda:
Cor da pele não é desculpa
Pra botar corrente
Ainda que tenha tanta gente
Amontoada em presídio

Da família - ainda que distante
De Pelé, o nosso rei

Mas poeta, te pergunto a razão
Pra gente hoje, e de todas as cores
Botar na linha de produção
Pedacos de indivíduos peludos
Escravizados e executados.

Uns até lembram do “amor ao próximo” de Jesus
Reclamam da violência urbana
Mas fazem questão dos resultados
Da linha de produção:

Casacos de pele, blusas de lã,
Bolsas, sapatos de couro,
Tudo isso também é pele
Peluda ou escamada,
Pele, que já foi tão importante
Pra uns outros, que já se foram
(Só por vaidade humana)
Quanto sua pele, meu amigo, é pra você
Não importa sua cor

Meu amigo e minha amiga,
Sim, cuide da sua pele,
Passe protetor solar
Cremes e loções
Mas na loja deixe claro
“Não quero sangue inocente
Na minha roupa ou na minha beleza.”

Pois é, nem aparece na embalagem
Cheia de moça bonita
De xampus, de cremes e loções.
Nem nas de detergente e remédio.
Mas tudo isso passou por cima
Da pele, do olho, e da garganta,
De um coelhinho orelhudo
(É, daqueles fofinhos da Páscoa)
Ou outro bicho inocente
Sem entender nada.
(Que que eu tô fazendo aqui?)

Mas poeta, te pergunto a razão
Pra gente hoje, e de todas as cores
Botar na linha de produção
Pedacos de indivíduos peludos
Escravizados e executados.

Uns até lembram do “amor ao próximo” de Jesus
Reclamam da violência urbana
Mas fazem questão dos resultados
Da linha de produção:

Hum... Mas que delícia!
Realmente, este pedaço de fígado tá muito bom.
E esse coraçãozinho então?
Divino!
Lógico. Não é o seu fígado.
Nem o coraçãozinho do seu filhinho.

O filhinho pra quem você fala:
Pega mais um bifinho! O franguinho!
Uma lingüicinha! Um torresminho!...
Quero ver comer tudinho, heim?
E não esquece do peixinho!
- Que nem aquele do aquário, mamãe?
- Não, aquele é bonitinho. Esse aqui é pra comer. Tudinho.

O bifinho, o franguinho,
A lingüicinha, o torresminho e o peixinho,
Não tem cara. Mas tinha.
A cara do boizinho, da vaquinha,

Da galinha, do porquinho e do peixinho.

Ou do boi, da vaca, da galinha,

Do porco e do peixe,

Depois de passar

Pela linha de produção.

Porque não tô mais falando com criança,

Tô falando com você, poeta,

Tô falando com você,

Humano gente grande sem racismo,

Humano gente boa sem preconceito.

E não esquece do leitinho da vaquinha,

Da vaca prisioneira

Que só engravida

Pra perder o filho

Pra fábrica de baby beef

Que só engravida

Pra perder o leite maternal

Pro café com leite e pão de queijo

Sem saber de nada.

(Que que eu tô fazendo aqui?)

E não esquece do ovinho da galinha prisioneira,

Na omelete, no ovo frito e no seu bolo,
Tá o pintinho que nunca vai nascer.

Tô falando com você,
Humano gente grande sem racismo,
Humano gente boa sem preconceito.

Festa

Partes de Mim

Francielle Piuco Biglia



Ilustração por Maurício Kanno

Pelas ruas há resquícios
de que já não posso ser
Presença em postas, fatias, cortes
Meu horizonte espalha carmim
meus irmãos vermelho-morte.

Exposto pela cidade desigual
minhas partes são escritas com cuidado
num letreiro pequeno o giz calcado
Cristais silenciam a história atrás de mim
Letras no cardápio lapidam meu epitáfio.

Estranha maneira de gostar.

Eu não penso, eu não sinto, não sou pessoa.

Será que meu coração pulsa à toa?

Ah! Mas dizem gostar de mim

Mas minha vida ninguém perdoa.

Festas natalícias, aniversários, casamentos

Estão sempre prontos a celebrar

numa vastidão do paladar

Na volúpia do prato sem fim

escutei gritos, pareciam não cessar.

Meu sangue mancha a cidade

Meu soluço é pouco

Meu grito é oco

Sufrimento para um festim

no cemitério interno do corpo

E me conduzo nessa batalha

Vencido, não conheço o suicídio

Quem sabe um dia seremos amigos

Ah! Mas dizem gostar de mim

Esse gostar sozinho, clandestino.

Até que um dia o Sol brilhará

sobre meu corpo vulnerável
e antes de eu me tornar cadáver
recolherá as partes de mim
até se desprender frágil
meu espírito inseparável.

Poema para a noite de Natal

Leonardo Ortegá

Olharei atentamente o céu da noite de natal
Buscarei no escuro vasto o rastro da estrela guia
Ansiarei por percorrer seu percurso celestial
Se de fato ela brilhasse, por onde me levaria?

Transitou oculta em nuvens no Setor Comercial
Entre errantes ao relento na noite erradia
Ofuscou ante os letreiros do Conjunto Nacional
Que iluminam o coração contraditório de Brasília.

Desviou do abatedouro da zona rural
Com rubor ao ver o sangue que jorra da estrebaria
Congelou presa ao pinheiro plástico artificial
Se apagou quando notou a manjedoura estar vazia.

Celebração

Marcelo Rossin

Abri-me a vômitos.
Não por nojo, mas por luto.
Profundo pesar.
Tristeza.
E por aflição;
E por angústia.
Jazia na mesa o Leitão inteiro.
Numa bandeja prata toda enfeitada.
Deitado como num berço de folhagens verdes...
Assado, esturricado. Insultado. Maçã na boca.
Celebravam algo: risadas e alegria!
- "Um brinde!", disse alguém.
E a cena bizarra não sai de mim
Era um velório, isso sim.

É cultural...

Carol Magalhães

Gato na China é vaca
Vaca na Índia, cão
Motivo não lhes falta
Pra comer cachorro então.

Inseto é iguaria no México
Aqui porco é salsichão
Mas bicho pra mim é gente,
Prefiro comer feijão.
Satisfação é comer de tudo, que não tenha coração.

Peixe não dá em árvore
Ovo é menstruação
Leite é bom, pro bezerro
Cálcio vem do almeirão.

Grão de bico, lentilha, tofu
Brócolis é ostentação
Até de soja eu encho o bucho
Não fico com fome não!

Então veja bem meu caro
A escolha está na mão
Precisa só coentro, cebola e alho
Proteína boa é grão.

Embriaguês de razão

Rodolfo Junior

Como não lembrar que o sofrimento inocente é o mais importante,
Todo o resto é secundário,
Todo o resto é irrelevante.

Mas não, não há empatia nem compaixão,
A grande maioria só repete o que vê na televisão.
Trabalhadores cansados demais para pensar,
Esquecem os verdadeiros sentidos da vida - aprender, compreender e
ajudar.

Eu desisto dessa espécie
Que festeja com a boca cheia de gente,
Que respira o cheiro podre da morte,
Sorrindo com a carne entre os dentes.

Eu desisto desta ideia
De tentar acordar o mundo
O mundo já está morto
Morreu em alguns segundos

Leitão Pururuca

Zetti Nunes

1ª Parte: Na Pele do Porco

Queria ser um porco
Até penso que já sou
Sempre fui.
Sempre fui sua agonia.
Agora mesmo,
Grito eu mesmo,
Morro eu mesmo,
Se preciso.
Facada não é preciso
Amar é preciso.
Não quero ser traiçoeiro:
Sem faca - prisão - chiqueiro.
Meu coração é de porca:
Porca mãe das dores sou.
Pururuca está na mesa?
Velório.
Natal - luzes - inocência?
Velório.
Leitão não é homem:
Pega, mata e come!
Porca mãe das dores sou.

Pururuca:
Parece engraçado
Ser tua mamãe.
Engraxado - torresmo.
Assim mesmo
Te abraço - te pego no colo.
Vamos! Me olhe, sorria!
Solte um grunhido
Um gemido - que seja.
Tua mãe é que te chama.
Jogaram-te na chama
Desta nova inquisição.
Porca mãe das dores sou.

2ª Parte: Parem o Mundo!

Jesus nasce,
Porquinho morre de véspera.
Para Jesus - realeza
Para porquinho - frieza
Cristãos: imagem e semelhança
do Deus Eterno
E também das geleiras eternas.
Cristãos ou não:
Por favor, parem de matar
Ou ao menos,
Parem prá pensar!
Parem!
“Parem o mundo que eu quero descer”
Descer do caminhão Perdigão
Entulhado, empilhado... de focinhos.
Transporte de bicho - caminhão de lixo
Mais do que isso:
Prenúncio da morte, inferno
Caminhão porqueiro:
Navio negreiro moderno
E para onde irão tantos focinhos?
Para onde, meu Deus, para onde?
Para os verdes campos?

Para as verdes matas?

Sim, para os campos...

De concentração.

Da Sadia - da Perdigão.

Sim, irmão para as matas.

Muita mata!

Mata! Mata! Mata!

Porca mãe das dores sou.

3ª Parte: A Curva do Rio

Prezado amigo, irmão:

Acorde deste sono milenar!

Pururuca: acorde, que este dormir não é seu.

Saiamos daqui desta festa

Ritual - máscara - horror... velório.

Vamos fuçar lá no rio

Ou te banho neste rio...

De lágrimas.

Não quero tal coisa bizarra:

Grito de dor e farra.

Macabra festança,

Pro túmulo pança,

Não quero que vás.

Te faço uma cova - te enterro,

Na curva do rio.

No fundo - do meu coração.

Te envolvo em meu manto

Te cubro de beijos,

Te faço acalanto.

Te aninho em meu ninho,

Materno - fraterno,

Da porca que sou.

Porca mãe das dores sou.

4ª Parte: O Presépio

Meu porco, meu punk:
Raspam teu pelo,
Cabelo arrepiado.
Safado é mesmo
Quem come torresmo
E pra não te matar
Assina procuração,
Pra Sadia - Perdigão
E em todos os natais,
Tem Jesus e os animais.
Presépio criado e armado
Por um coração bichado
Que foi o Santo de Assis
Cenário lindo:
Menino sorrindo,
Mulher dando o seio,
Animais no meio.
Que pena! Que pena!
Veja a próxima cena:
Na mesa, com certeza,
Assado, recheado, sem clemência
É churrasco!

Coincidência - termina em asco.
Onde Jesus nasce
Tem defunto bicho
Pergunto:
Tem sentido tudo isso?
O cheiro é forte
Leitão não tem mesmo sorte.
É a morte, não tem perdão
Assinaram a tal procuração - assassinaram
Segue portanto a festa
Luzes, música, orquestra.
E o que mais me espanto
É esse canto que diz:
Noite feliz! Noite feliz!
Bom seria fosse um hino
Manifesto dos suínos
De revolta, de protesto
Porca mãe das dores sou

5ª Parte: Espírito de Porco

Sensação estranha em mim
Entranhas de porco em mim
Um sentimento de porco

Coração, focinho, cara, olhos, ouvidos,

Bem resumido:

Um espírito de porco

Me inunda, se funde, confunde

Sem nenhuma discrepância

Assim era lá na infância:

Vendo um porco em agonia

Outro ser em mim morria

Gente fria, faca fria

Penetrava cruelmente

Afiada, reluzente

No coração do suíno

...No coração do menino

Esguicho de sangue quente

Lágrima quente

Menino aflito

E o grito, quase infinito

Coração do porco para

Coração do menino... dispara

Por favor, amigo leitor

Partilhe comigo e o porco desta dor:

Incorpore um espírito de porco

Chore!

Ouça o grito!

Ouça o eco!

Churrasco, asco, asco, asco...
Alcatraz - humano atroz
"Liberdade, liberdade!
Abre as asas sobre nós!"
Castro Alves por piedade,
Seja agora nossa voz.
Por tudo o que é sagrado
"Senhor Deus dos desgraçados
Dizei-me Vós Senhor Deus
Se é loucura, se é verdade
Tanto horror perante os céus..."
"...Astros, noites, tempestades,
rolai das imensidades,
varrei os mares tufão!"
Nos ares som estridente
Ouça o eco novamente:
Ser cristão é ser clemente, mente, mente, mente...
Inclemente predador, dor, dor, dor...
Clamor de amor no salame, ame, ame, ame...
Vitela, prato farto, refinado
Boi que engorda confinado
Tudo termina em finado
Mesma sina - feminina:
Mortadela, morte dela, morte dela
Boi no pasto é desmatar, matar, matar, matar...

Frutas sobra caroço
Bois no Mato Grosso, osso, osso, osso...
Ditadura em animais
Há tempos imemoriais
Ditadura, dura, dura, dura...
- Ato Institucional
- AI-5 animal é assim:
Ai! Ai! Ai! Ai! Ai!
Berros a cada segundo
Ecoando pelo mundo
Reverberandoberrandoberrando
E peixe que não berra
Mas sente dor
Literalmente se ferra

6ª Parte: Somos Mãe

Covardia, sacanagem, degradante.
Nada há mais revoltante
Para o menino que chora
E que ainda mora em mim.
Que de tanto querer bem,
Mãe da porcada é também.
Aquela mesma senhora
De quatro patas - focinho

Que em dezembro 24
Assam o filho porquinho.
Festival pleno de horrores
Porca madona das dores
Todo ano - me ufano de ser.
Mil vezes te matam,
Te assam, te comem,
Porca mãe das dores sou.
Honrado me sinto
De ser a mãe porca
Mãe cadela
Baleia orca
Gazela
Mãe pata
Mãe vaca
Mãe gata
Mãe cabra
Mãe cobra
Coelha
Ovelha
Mãe d'água, limpa ou suja
Mãe coruja
Mãe de toda passarada
Mãe galinha
Sardinha enlatada, atum

(Coração de mãe sempre cabe mais um)

Abelha rainha

Mãe natureza

Mãe Terra!

Em toda beleza

Que a palavra encerra.

Terra - terráqueos

Humanos - batráqueos

Como se fossem um só

É pau - é pedra - é pó

Se berra ou não berra

Se é bicho da terra

Dos ares

Dos mares

Com barba ou sem barba

Com rabo ou sem rabo

Com teta ou sem teta

Com asa ou sem asa

É aqui sua casa

Planeta - azul borboleta

Primo - primata - macaco

Bem vindos a este mui lindo barraco

Somos todos farinha do mesmo saco

7ª e Última Parte: Compaixão

Inclusão sem igual - entre iguais

Compaixão é perfume floral

Pólen da vida, infinitesimal

Compaixão, leveza e graça

Pólen fumaça que o vento levou

Flor carmesim

No jardim do coração

Desabrochou

Porta aberta escancarada

Invasão da bicharada

Arca de Noé - feita sob medida

Guarida

Sob medida somos

Voz dos que não têm voz

Humanos - demasiadamente humanos

Nós - vegetarianos

Feitos sob medida

Para amar sem medida

Amor incondicional

Inclusão total

Tudo isso e nada mais que isso

Paz e Amor bicho

Assim é que somos

Humanos - gente

Somos nós

Todos nós

Vegetarianos.

Vitrine Vital

André Pinto

As carnes em passarelas
passeiam sem andarem
São carnes de outras mortes
bem mais firmes e antigas

Carnes de músculos inteiros
sem força
Sem energia, sem vida
por apanhar de todos os lados

Há sangue nas veias
de pedestres vários
Que coagularam a existência
no ápice dessa carne

Como comer o que morre
e dar celebração?
Como dar ao nome da festa
o carvão brusco?

Estamos todos no estande

da morte

E esperamos resgatar

os laços inexistentes

Mas os passos se perderam

do Horizonte

Restaram migalhas

de uma morte anunciada

Quem deglute a carne

é quem celebra o sangue desfeito

E nos resta ainda

trazer flores

Qual a gratidão nisso tudo

quando as aves nem gorjeiam?

Ou o piado é mais frágil

que o gemido?

Sobram festas

mas não sobram mãos

Que agradeçam a existência

sem matar...

Dor

Dor animal

Viviane Lima

Dói no animal
O bem-estar humano
Em dose letal

*

Dor animal II

Viviane Lima

Se não houvesse em nós
a distância oceânica
fora da vida em curso
A consciência quebrada
presa à fria gaiola
E o desejo
fincado no caminho
do sangue sem volta
Não haveria o medo
— lágrimas da Terra! —
a ferir os olhos de um cão

Animalia

Clio Francesca Tricarico

Vida: queda livre
mergulho no acaso
Toda cria é força plena
à revelia do provável

Corte: limite imposto
a ferida cava fundo
Da jugular exposta jorra
a liberdade em rios de nada

Animalia: carne viva
corpo em alma pulsante
alma e natura em ser vibrante
até que o homem as separe

Vidas Inocentes

Elen Abreu

Quantas vezes terei que gritar sem ser ouvida?
O que eu preciso fazer pra você se tocar que eles sofrem?
Quantas noites terei que dormir aguentando o fracasso?
Mais uma vez acordar sabendo que meus irmãos continuaram sendo degolados...

O que eles te fizeram?
Por que tanto ódio?
Você gosta da sua liberdade?
Você gosta de viver?

Me parte o coração saber que neste momento eles estão presos
e que depois não passarão de um pedaço de carne
Pra satisfazer seu paladar
Puro egoísmo
Muitos enlouquecem, sabia?
A morte é a única certeza
E como eu queria todos eles vivos neste momento

O que posso fazer pra te convencer?
Os meus amigos estão sangrando
Isso é tão desesperador
Quando vocês os machucam,
acabam por me machucar também

Eu não gosto de sofrer
Nem eles
Você gosta?

Vidas inocentes clamando pelo amor
Seres que nunca te machucaram
Eles sentem frio, fome, desespero, desprezo
E eu sou tão pequena contra esse sistema
De morte e dor
Por isso, eu te peço, por favor!
Seja mais um a lutar com amor,

Vamos gritar, protestar, fazer o que for...
Até que TODOS sejam livres.

Versos vegetais semeiam paz!

Infinita Devi

SANGRAM ENGRENAGENS!

MORREM PAISAGENS...

Não quero ver mais

sangue

de nenhum ser

derramado

Nenhum cadáver de dor

exposto

na vitrine transparente

da insensibilidade.

Carne é COISA.

Coisificada.

Animal, NÃO!

DEFINITIVA MENTE

Não precisamos comer

SERES SENCIENTES

sendo cúmplices
do sangue vertente
dos animais!

Não precisamos
nem da miséria
da horrenda dor deles!
Física, emocional, descomunal

Do imoral hábito brutal
em nos pregado!

Nenhum condimento tempera
ou alegria meu coração cru e cortado

ao fitar carnes cadavéricas
expostas nos pratos...

Carne é pedaço do corpo de um animal morto.

E não há nenhuma poesia nisso.

Finas temperaturas cobrem
a cidade

O calor emerge para queimar
gastas e arraigadas quimeras

O desespero corre para todos
os lados

O lodo do passado cobre ainda mais
os olhos

As sementes do umbigo dão abundantes
frutos de fome

O Chamado toca seus sinos
e poucos acordam...

Não me pergunte até
quando esmagará a dor

Não me pergunte,
pois ela crava em inumeráveis entranhas

suas garras de fera

Não me pergunte a sina

ou a causa

Cale para o sino oculto que

desperta

Esmague as últimas pólvoras

do egoísmo

E deixe viver a solene aurora...

Não há dentro nem fora

respiro junto com todos

a Vida

não existe separação

entre mim e o mundo.

Mar de sangue

Por Elen Abreu

Todos correm
O sangue derrama
Quantos enxergam?
Vivem à margem
Poucos querem saber

Um pedido de socorro pode surgir
E diante de facas, berros, choros
Eu estou aqui
Nada posso fazer
A não ser pedir:

Parem, parem a matança!
São capazes de sentir
Navegando nesse mar de sangue
Chego a implorar:

Guardem as armas e ponham amor no lugar!

Todos cegos pelo sistema
Quero desafiar
Corro contra o tempo
Navegando nesse vermelho intenso
Secando as lágrimas posso conferir
A dor que eles sentem

Todos cercados de pesadelos que fingem não ver
Um segundo e se vão milhares de vidas
Tento alertar sobre a forma de prisão
Máscaras de conforto
Amor morto

Robotizados
Tapando buracos
Fogem da raiz do problema
Cegos pelo sistema
Tratam vidas como objetos
Fingem não ver

Ganância e poder
Desviando sou obrigada a viver
Esse mar de sangue.

Consumidor

Infinita Devi

A dor de quem estamos consumindo?

A quem exploramos cegamente,

surdamente, mudamente

para esfaquear corações?

Com afiada indiferença

e ensanguentada frieza...

Seria Deus tão cruel para nos alimentar

com a dor desonrosa e inimaginável dos animais?

Ou seriam textos Sagrados

maculados intencionalmente

pelo Mal que no ar paira?

Sonda o coração,

Deus está dentro dele e em toda parte.

E por fim, para começar, coloque-se no lugar dos animais...

....

Matar animais brutaliza o ser humano
e lhe reduz a humanidade, a piedade, a
compaixão, retrai o amor...

E tê-lo feito comer carnes
foi ato intencional,
de cima para baixo,
há séculos, milênios ou éons...

Com propósitos egoístas, inluz
e escusos...

Sabemos muito pouco
de nós mesmos e de nossa arcaica história

Nada vã,
embora tão mal contada!

Humanos de Esperança

Princípios

Bruno Müller

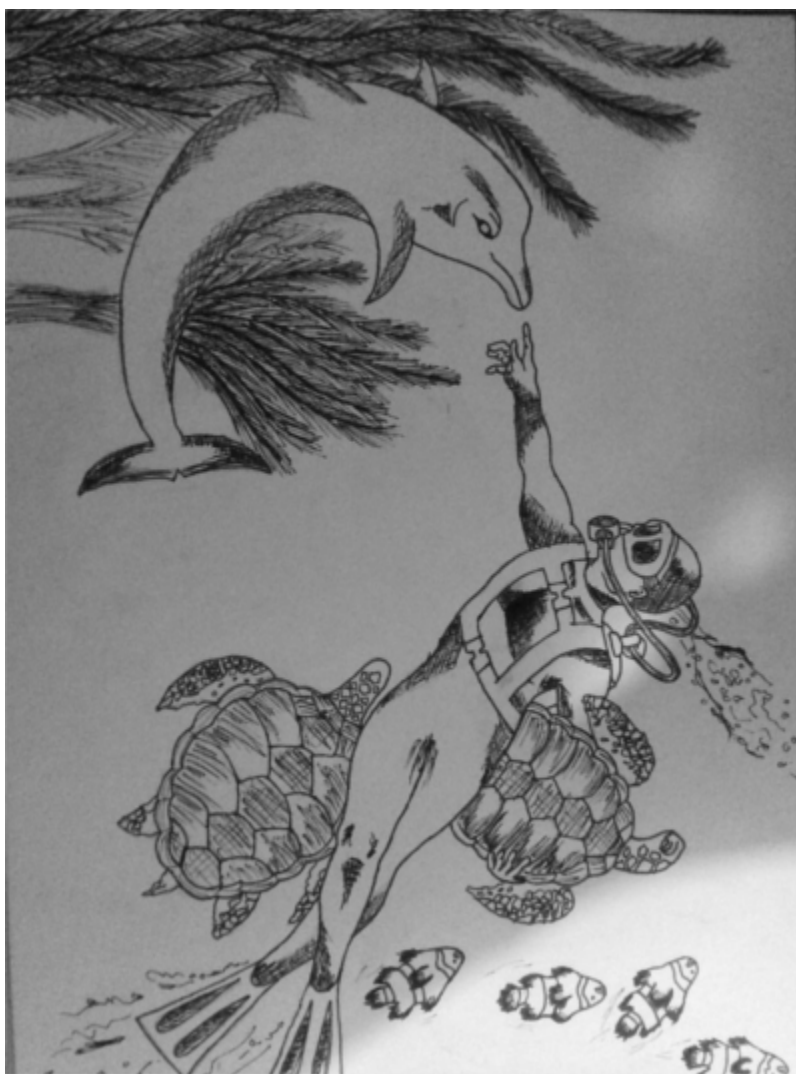


Ilustração por Fernanda Delecrode

Eu acredito
No indivíduo
Que pensa, sente
Goza e sofre
Indivíduo
Inviolável
Tenha ele
Asas
Cascos
Escamas
Barbatanas
Polegar opositor
Ou o que mais for...

Poema Vegano

Jonas Worcman

Você ama o Amazonas
Ou ama as zonas
Feitas no Amazonas?
Isso parece até
Maluquice do Jonas
Mas o que eu leio e capto
É que tem hábito e tem ato
Que ataca diretamente o nosso mato
E quem paga o pato
É o pato, o boi e a galinha
E essa galera não tá sozinha
-Olha mãe que bonitinho,
O golfinho?
Tadinho...
Pois seu coração para de fazer:
Tum...Tum...Tum...
Quando ele vai junto
Como defunto
Na rede do atum
Eu sei que esse discurso é inconveniente
Como um pum

Mas é meu dever
De ver
Que não dá pra deixar de lado
Pois estará indignado
O verme que comer sua carne
Podre!
Refleta sobre:
Que mesmo depois de corroer a sua epiderme
Mesmo esse verme
Eu não como
Como que eu como?
Como que eu como?
Se até nos cromossomos
Somos um
Da pessoa ao atum
Aliado com a ciência
Alinhado com a consciência
Do plano pra cada alma
A floresta bate palma
A cada ano
Quando um ser humano
Se torna Vegano!

As línguas do amor insurgente

Leonardo Ortegal

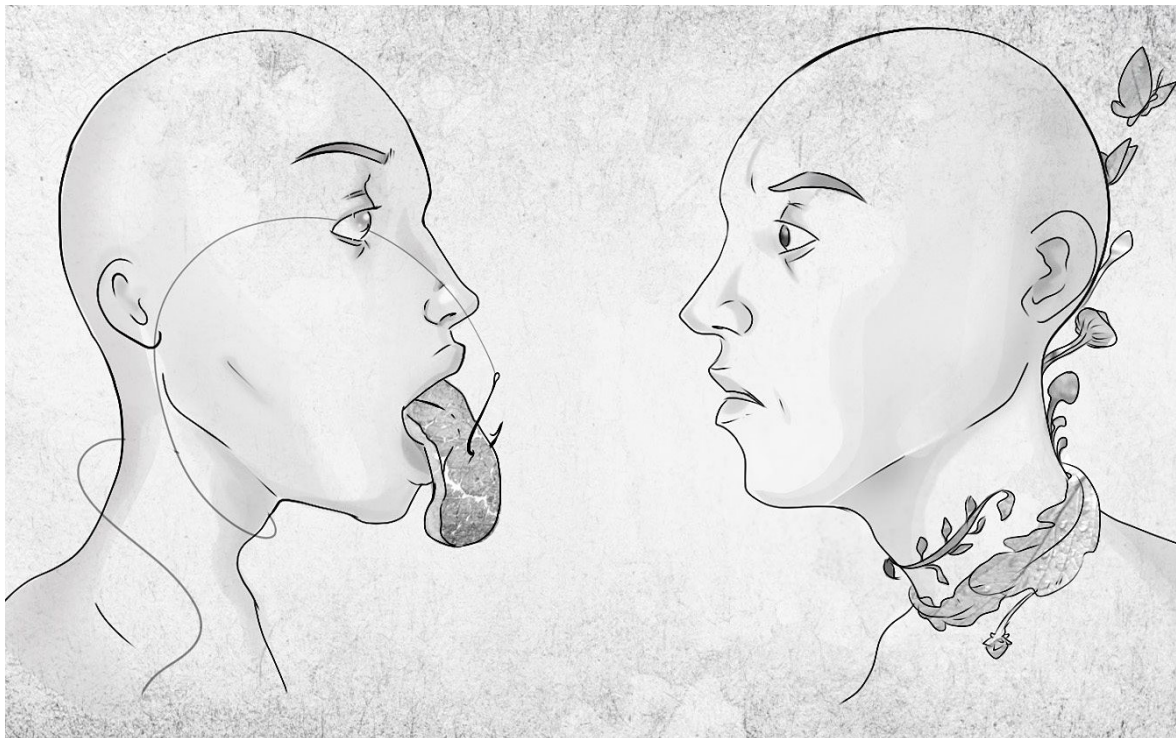


Ilustração por Débora Pires

*

Seguindo por anos e anos
sofrendo o peso
do mundo que gira ao revés

Seguindo comendo o que dá
E até sem comer
Só pra ver um destino mudar

A sina dos bichos-estranque
Que vertem seu sangue
Em ofertas ao deus paladar

São vidas assim reduzidas
Pedaços de coisas
Que valem textura e sabor

Vendidos em dura perfídia
Vestindo embalagens
Mentiras do algoz opressor

Mas há os que isso rejeitam
E não se sujeitam
Ao ciclo de morte e tortura

E pagam o preço da vida
Ser toda cortada
Ao se alforriar de suas línguas

Nadando na contra-corrente
Ouvindo calúnias, piadas
Mentiras, ofensas

Comendo o que dá quando tem
pois o seu paladar
Pode ser a tortura de alguém

De aves, de porcos e bois
Degolados por quem
É escravo do humano voraz

Que é escravo de sua própria boca
Mas há quem vá contra
E confronta no que for capaz

Persistem num sonho de paz
Onde os bichos enfim
Possam ser nada mais que animais.

Sem paz no coração

George Guimarães



Ilustração por Lívia Hay

Um mundo melhor, seres livres de exploração
Na minha mente, talvez, mera ilusão
O que vejo dentro de mim é diferente
Daquilo que parece ver toda a gente

Pode ser que nunca venha a ser
Mas apostar na dúvida não satisfará ao querer
Utopia, romance, impossível de concretizar?
Disso só saberei se nessa visão me empenhar

Elejo a ela ao invés da atual realidade
Sem abrir mão do trabalho necessário para mudar a verdade
Nem tanto por escolha, mas por inquietação
Pois o que vejo incomoda tanto à razão quanto ao coração

Presas vitimadas por cautos e incautos
Por profetas, hipócritas, disseminadores do horror
Ignorando todo e qualquer pedido por piedade
Toda e qualquer forma de dor

Tudo em nome do animal humano, da gula, do óleo
Do arrancar de bilhões de pares de olhos
Da ganância, do sangue, da carne e da secreção
Do entretenimento e das suas ciências sem razão

Guiados ou cegados por sua autoconcepção de justiça
Criam mecanismos, escravizam, angustiam
Põem, depõem
Castigam, sobrepõem
Arrancam de todos os que vivem ou viveriam
Aquilo que de si mesmos jamais tirariam

Justificam com o paladar, com a “natureza”, com a túnica
Impõem aos recém-chegados e inocentes uma realidade única
Descriam virtudes e nutrem vícios de toda cor
Transformam-nos em gráficos, em números, em mero ator

Fazem todos os que são ser

Passarem a ser um quase ser
Que quase nasce
Que quase morre
Que quase vive
(e em muitos vive)
Em pleno terror

Abro os olhos
Saio do sofá
Pois eles não esperam
Por si não perseveram
Não têm saída desse lugar

Será somente por nossas mãos
Há responsabilidade sim, e pede ação
Para uma revolução não bastam aulas
Há uma dívida histórica da espécie que criou as jaulas

Há uma dívida de espécie
Herança especista
Há uma dívida planetária
Herança consumerista
Pelas mentes dissidentes
A revolução abolicionista

Dos corações irados
A resposta massiva
Pelas mãos dos bravos
A resposta, quando for chegada a hora, armamentista

A utopia, a verdadeira utopia da razão
Talvez esteja em acreditar que toda a solução
Virá sempre por meio do discurso, da petição
Da política ou do abraçar da paz no coração

2)

Poesia da América Hispânica

(Traduções/versões em português por
Francielle Piuco Biglia)

AIRE

AR

LA JAULA

Erasmus Rodríguez Barreto {Colombia}

La jaula es una mueca
del humano carcelero.

El carcelero confunde la belleza
con ser dueño de la vida de su presa.

Tener pico es suficiente
para ser atrapado,
por alguna gente.

Invito a quienes niegan el libre batir de las alas
para que se miren en el espejo la cara.

Así, me podrían contestar
si desearían ser un pájaro
para que los encerraran.

Parece que, para algunos, tener plumas es delito
acrecentado con tener un pico.

Volar es atributo normal de las aves,
quien lo niega, ostenta que no sabe,
y si lo sabe, sabe menos que el salvaje.

A Jaula

Erasmó Rodríguez Barreto {Colômbia}

A jaula é uma careta
do humano carcereiro.

O carcereiro confunde a beleza
com ser dono da vida de sua presa.

Ter bico é suficiente
para ser pego,
por alguma pessoa.

Convido a todos que negam o livre bater das asas
para que se olhem a cara no espelho.

Assim, me poderiam responder
Se desejaríam ser um pássaro
para que os trancassem.

Parece que, para alguns, ter plumas é delito
acrescentado com ter um bico.

Voar é atributo normal das aves,
Quem o nega, ostenta que não sabe,
E se sabe, sabe menos que o selvagem.

Colibrí

Carlos Urbina Algarin {Colombia}

Bailarín en las montañas,
policromía volante entre bosques y llanuras;
mosca temblorosa sedienta de luz,
saeta traspasante colgada del viento y del azul;
Alegría multicolor del valle de mis tristuras,
serpentina incansable del plumaje delator,
raudal vigoroso de lujuria entre las flores;
fugaz visión de colores bajo el sol,
esplendor de primavera en mil colores,
arco iris titilante en el espacio,
del ramillete del jardín amo y señor,
envidia tu destreza.

Pajarillo insaciable; sé tú el mensajero,
diles que detenga el global apocalipsis:
para que el páramo gotee con abundancia,
para que se recupere la vida destruida,
para que el día respire de alegría,
para que las noches vuelvan a ser tiernas,
para que la fauna no sea archivo de museo,
para que continúes tu intrépido apogeo,
para que nuestra especie también se vuelva eterna.

Colibri

Carlos Urbina Algarin {Colômbia}

Dançarino nas montanhas,
Policromia voadora entre bosques e planícies;
mosca trêmula sedenta de luz,
seta transpassante pendente do vento e do azul;
Alegria multicolor do vale de minhas tristezas,
serpentina incansável de plumagem acusadora,
caudal vigoroso de luxuria entre as flores;
fugaz visão de cores sob o sol,
esplendor de primavera em mil cores,
arco-íris fulgurante no espaço,
do ramalhete do jardim amo e senhor,
invejo tua destreza.

Passarinho insaciável; sê tu o mensageiro,
Diga-lhes que detenha o global apocalipse:
para que o páramo goteie com abundância,
para que se recupere a vida destruída,
para que o dia respire de alegria,
para que as noites voltem a ser tenras,
para que a fauna não seja arquivo de museu,
para que continues teu intrépido apogeu,
para que nossa espécie também se torne eterna.

El Cielo es de los Pájaros

Walter Flores Aguilar) {Perú}

A Walter Flores Cori, mi hijo.

Los pájaros pueden abrir el cielo
porque su canto es libertad.

Que nadie detenga ni cerque
su canto ni sus vuelos
porque ellos conocen la ruta
hacia el verde árbol de la vida.

Dejémoslos que jueguen
como niños en el viento.
No enjaulemos sus alas
ni su canto musical.
Dejémoslos que escuchen siempre
el llamado profundo de los bosques.

Que nadie quiebre su volar
ni ciegue la luz invicta de sus ojos
con la pólvora o el cerrojo de las jaulas.

El cielo es de los pájaros
porque ellos nacieron libres para volar.

O Céu é dos Pássaros

Walter Flores Aguilar {Peru}

A Walter Flores Cori, mi hijo.

Os pássaros podem abrir o céu
porque seu canto é liberdade.

Que ninguém detenha nem cerque
seu canto nem seus voos
porque eles conhecem a rota
em direção à verde árvore da vida.

Deixemo-nos que joguem
como crianças no vento.
Não enjaulemos suas asas
nem seu canto musical.
Deixemo-nos que escutem sempre
A chamada profunda dos bosques.

Que ninguém quebre seu voar
nem cegue a luz invicta de seus olhos
com a pólvora ou o ferrolho das jaulas.

O céu é dos pássaros
porque eles nasceram livres para voar.

Colibrí

Elena De Latorre {Chile}

El cosmos cabe en una gota de rocío.

En el tibio sol de la tarde
un fulgor de opalescentes alas
cruza la espesura del follaje,
como si la mirada esquivara
la infinita distancia de otros pájaros.

Vuela hacia atrás
y su cuerpo de cegadora luz,
envuelto por los rayos del ocaso
por un instante vibra suspendido en el aire.

Perturbadora imagen de ojos grandes,
multicolor estrella del paisaje,
nos deja en el corazón
una saeta de esperanza;
borra la negrura de la vida
dejando un resplandor de sinuosas plumas
cuando desaparece en el extenso azul.

Colibri

Elena De Latorre {Chile}

O cosmos cabe em uma gota de orvalho.

No sol morno da tarde
um fulgor de opalescentes asas
atravessa a espessura da folhagem,
como se o olhar esquivasse
a infinita distância de outros pássaros.

Voa para trás
E seu corpo de cegante luz,
envolvido pelos raios do acaso
por um instante vibra suspenso no ar.

Perturbadora imagem de olhos grandes,
multicolor estrela da paisagem,
nos deixa no coração
uma seta de esperança;
apaga a negrura da vida
deixando um resplendor de sinuosas plumas
quando desaparece no extenso azul.

Colibrí Pico de Oro

Armando Azcuña Niño de Guzman {Perú}

Picaflor mimetizado entre el follaje
Qué flor estás acechando?
¿tal vez esperas el dulzor de su capullo?

Tu hiriente pico de oro;
Beber quiere su miel, dulce tesoro,
Antes que el sol la acaricie

Recién despiertan sus lindas hojas,
Recién corolan sus pétalos rojos;
Y tu corazón palpita, para beber su néctar.

Mas bien levanta tu vuelo,
No pienses herir, mi flor de ensueño; vete,
Antes que yo rompa tus alitas.

Amo mi flor con dulce sentimiento,
La riego con mis cristalinas lágrimas;
Y la valoro, con el dolor de mis heridas.

Déjala en paz a mi tierna flor,
Sólo cuando la miro,
Mi corazón se reanima,
Y con su aroma, mi espíritu se embelesa.

Tú tienes tu hermosa floresta
Regada con lluvia de primavera
Allí en vergel, vibran tus alas de alegría.

Colibri Bico de Ouro

Armando Azcuña Niño de Guzman {Peru}

Beija-flor mimetizado entre a folhagem
Que flor estás observando?
talvez esperas a doçura de seu casulo?

Teu pungente bico de ouro;
Beber quer seu mel, doce tesouro,
Antes que o sol a acaricie

Recém despertam suas lindas folhas,
Recém coroadas suas pétalas vermelhas;
E teu coração palpita, para beber seu néctar.

Mas levanta teu voo,
Não penses ferir, minha flor de sonho; vai embora,
Antes que eu rompa tuas asinhas.

Amo minha flor com doce sentimento,
Rego-a com minhas cristalinas lágrimas;
E valorizo-a, com a dor de minhas feridas.

Deixe-a em paz a minha tenra flor,
Só quando a vejo,
Meu coração se reanima,
E com seu aroma, meu espírito se embeleza.

Tu tens tua linda floresta
Regada com chuva de primavera
Ali em vergel, vibram tuas asas de alegria.

LIBERTAD

José A. Guzmán Carrascal) {Colombia}

Hay dos aves en este preciso
momento
en diferentes circunstancias
y al mismo tiempo
están cantando
una lo hace en su hábitat natural
su alegría es grande como el cielo
sus colores alegran la mañana
su canto es un verso a la montaña
una poesía al silencio
La otra encerrada en una jaula
no puede desplegar sus alas
ni disfrutar de la primavera
carcelero perverso
la hizo prisionera
su canto no es poesía
no es verso
es un lamento
al dolor inmenso
al humillante ultraje
su único delito
cantar bonito
razón de la condena
su hermoso plumaje
triste y negro tormento
alas de sufrimiento
que piden libertad
no lo hagas llorar
déjala que alegre el silencio
deja que vuelen sus alas
libres como el viento
por un momento
ponte en su lugar
si tú injustamente fueras prisionero
también, también pedirías
¡Libertad!

Liberdade

José A. Guzmán Carrascal) {Colômbia}

Há duas aves neste preciso
momento
em diferentes circunstâncias
e ao mesmo tempo
estão cantando
uma o faz em seu hábitat natural
sua alegria é grande como o céu
suas cores alegram a manhã
seu canto é um verso à montanha
uma poesia ao silêncio
A outra fechada na jaula
não pode desdobrar suas asas
nem aproveitar a primavera
carcereiro perverso
a fez prisioneira
seu canto não é poesia
não é verso
é um lamento
a dor imensa
ao humilhante ultraje
seu único delito
cantar bonito
razão da condena
sua linda plumagem
triste e negra tormenta
asas de sofrimento
que pedem liberdade
não o faça chorar
deixa-a que alegre o silêncio
deixa que voem suas asas
livres como o vento
por um momento
coloca-te em seu lugar
se tu injustamente fosses prisioneiro
também, também pedirias
Liberdade!

TIERRA

TERRA

QUIEN NACIO REY Y QUE NUNCA LLEGO A SER VENCEDOR!

Julia Veintimilla {Ecuador}

Definida como arte: Tauromaquia
desde la edad de bronce hasta hoy
asesinato a sangre fría
crimen en fiesta multicolor.

Vestimentas de lujo para el matador
Sangre caliente en la arena se ve correr,
Como armas usan capote, muletas, espada, banderillas,
Y la puntilla que remata la ocasión:
Un gran trofeo, una oreja al vencedor
Tan solo sombras y dolor para el perdedor.

Pobres Insensatos!,
pagan por ver sangre correr
Fue escogido al nacer
Criado y protegido como rey.

En su vida solo escuchó palabras de grandeza por doquier
Y en el gran día convencido por sus destrezas
Al rodeo sale a vencer
Recibe aplausos como torbellinos de luces al amanecer:
De humanos llamados con excelentísima educación
Se estudia y se sueña y se obtiene ganancias al matar.

El toro acorralado por la muerte
Es rodeado por la absoluta indiferencia
Mientras agoniza en el charco de su sangre
Quien nació rey y que nunca llegará a vencedor...

Quem Nasceu Rei e Nunca Chegou a Ser Vencedor

Julia Veintimilla {Equador}

Definida como arte: Tauromaquia
da idade de bronze até hoje
assassinato a sangue frio
crime em festa multicor.

Vestimentas de luxo para o matador
Sangue quente na areia se vê correr,
Como armas usam capa, muletas, espada, bandarilha,
E a pontilha que remata a ocasião:
Um grande troféu, uma orelha ao vencedor
Somente sombras e dor para o perdedor.

Pobres Insensatos!,
pagam por ver sangue correr
Foi escolhido ao nascer
Criado e protegido como rei.

Em sua vida somente escutou palavras de grandeza em toda parte
E no grande dia convencido por suas destrezas
Ao rodeio sai para vencer
Recebe aplausos como redemoinhos de luzes ao amanhecer:
De humanos chamados com excelentíssima educação
Estuda-se e sonha-se e obtém-se lucros ao matar.

O touro encurralado pela morte
É rodeado pela absoluta indiferença
Enquanto agoniza na poça de sua sangue
Quem nasceu rei e que nunca chegará vencedor...

Incertidumbre de un Oso Hormiguero que Habita en el Silencio

Samuel Ancajima Mena {Perú}

Antes del amanecer
cuando la aurora empieza a dibujar su rostro azul
me detengo debajo de los árboles
y en silencio aprisiono mis últimos recuerdos

El vuelo inicial, casi limpio de los pájaros
me transporta hacia otro lado de la tierra

Cierro los ojos
pienso en el canto de los grillos
en el veloz transporte de las nubes
en el gris color de mi montaña

No sé si mañana
sea yo nuevamente
quien observe el mundo tras las ramas

No sé si pueda
caminar otra vez
entre arbustos otoñales
perseguir entre risas
azules mariposas
contemplar silencioso
la visita de las lluvias

Temo
que tal vez yo
mi mundo o mi montaña
de una sola vez
desaparezca.

Incerteza de um Tamanduá-Bandeira que Habita no Silêncio

Samuel Ancajima Mena {Peru}

Antes do amanhecer
quando a aurora começa a desenhar seu rosto azul
detenho-me debaixo das árvores
e em silêncio aprisiono minhas últimas lembranças

O voo inicial, quase limpo dos pássaros
me transporta ao outro lado da terra

Fecho os olhos
penso no canto dos grilos
no veloz transporte das nuvens
na cor cinza de minha montanha

Não sei se amanhã
seja eu novamente
quem observe o mundo trás os ramos

Não sei se possa
caminhar outra vez
entre arbustos outonais
perseguir entre risos
azuis mariposas
contemplar silencioso
a visita das chuvas

Temo
que talvez eu
meu mundo ou minha montanha
de uma só vez
desapareça.

¿NO TE DICE NADA?

Maria de los Angeles Roccato {Argentina}

Mis ojos incrédulos observan el paisaje
y enlazo mis lágrimas con un hilo de voz...
¿Donde quedaron los miles de años
para domesticarte convirtiéndote en amigo
y compañero del hombre en su viaje terrenal?

Vagando sin rumbo...
can...perro...choco
al igual que húmeda hoja, tu cola flamea,
lastimadas de cardos tus mustias orejas,
escudriñando la incomprensión humana
tus ojos irritados buscan piedad...

Desnudo espinazo que desafía la brisa,
pupilas casi muertas que reclaman
la dulce ternura en rostros amigos
para mitigar hambre, dolor y sed.

A la búsqueda de un lecho de amorosas hojas,
donde refrescar las sarnosas grietas
de los pelambres hirsutos de mugre
y acallar las voces de intenso dolor.

¿Te has planteado caminante del Universo
que él depende de vos?

¿No te dicen nada las perras de ubres flácidas,
cachorros sangrantes por pateaduras humanas?

¿Perros cimarrones que levantan su voz
en desafiantes destellos cortantes,
y lomos arqueados de tanto alojar hambre?

¿No te dice nada, que fieles y nobles
esperen pacientes hasta el final nuestro cariño y amor?

Não Te Diz Nada?

Maria de los Angeles Roccato {Argentina}

Meus olhos incrédulos observam a paisagem
e enlaço minhas lágrimas com um fio de voz...
Onde ficaram os mil anos
para te domesticar, transformando-te em amigo
e companheiro do homem em sua viagem terrenal?

Vagando sem rumo...
cão...cachorro...vira-lata
igual que úmida folha, tua cauda flameja,
lastimadas de cardos tuas lânguidas orelhas,
esquadrinhando a incompreensão humana
teus olhos irritados procuram piedade...

Desnudo espinhaço que desafia a brisa,
pupilas quase mortas que reclamam
a doce ternura em rostos amigos
para mitigar fome, dor e sede.

À procura de um leito de amorosas folhas,
onde refrescar os sarnentos cortes
dos pelos hirsutos de sebo
e calar as vozes de intensa dor.

Planejaste caminhante do Universo
que ele depende de ti?

Não te diz nada as cadelas de úberes flácidas,
cachorros sangrentos por pisadas humanas?

Cachorros selvagens que levantam sua voz
em desafiantes clarões cortantes,
e lombos arqueados de tanto alojar fome?

Não te diz nada, que fiéis e nobres
esperem pacientes até o final nosso carinho e amor?

Oso Andino

Karina Gálvez {Ecuador}

Oso andino que andas por el páramo
O en los bosques nublados de los Andes,
Tu bosque se disipa ágilmente día a día,
Préstame tus anteojos para hallarte.

Tremarctos ornatus es tu nombre;
En torno a tus ojos hay un pelaje que engalana;
Eres tímido y cauteloso, pero marcas territorio;
Contrario a otros osos, tú no hibernas.

Para ti he traído un manjar de suro,
O si prefieres, un tallo de frailejón;
Disfrútalos diurna o crepuscularmente;
Duerme profundamente hasta que salga el sol.

Cual carnero puedes trepar montañas;
Nadar puedes como todo un marinero;
Yo debo, cual arquero, proteger tu condición
Y sacarte de la lista de “peligro de extinción”.

Oso andino que andas por el páramo
O en los bosques nublados de los Andes,
Salvarte a ti es salvar al mundo entero,
Tus anteojos son mi quilla de balance.

Urso Andino

Karina Gálvez {Equador}

Urso andino que andas pelo páramo
Ou nos bosques nublados dos Andes,
Teu bosque se dissipa agilmente dia a dia,
Empresta-me teu binóculo para te achar.

Tremarctos ornatus é teu nome;
No contorno dos teus olhos tem uma pelagem que adorna;
És tímido e cauteloso, mas marcas território;
Contrário a outros ursos, tu não hibernas.

Para ti trouxe um manjar de carapau,
Ou se preferes, um corte de frailejón²;
Aproveita-os diurna ou crepuscularmente;
Dorme profundamente até que saia o sol.

Qual carneiro podes trepar montanhas;
Nadar podes como todo um marinheiro;
Eu devo, qual arqueiro, proteger tua condição
E tirar-te da lista de “perigo de extinção”.

Urso andino que andas pelo páramo
Ou nos bosques nublados dos Andes,
Salvar-te é salvar o mundo inteiro
Teus binóculos são minha quilha de balance.

² Planta pertencente ao gênero da família Asteraceae, nativa da Colômbia, Venezuela e Equador.

AGUA

ÁGUA

Requiem para un Lobo Marino en la Playa

Felix Hugo Noblecilla Purizaga {Perú}

Allí estaba inerte
tu magia de invencible nadador.

¿Quién te empujó al mundo de las tinieblas?
¿Cuerpos extraños en tu reino azul?
¿Siniestros arpones traicioneros?

Agoniza la sinfonía de las olas,
la brisa matinal es hoy aire viciado.

Tu enorme cuerpo gris
es inútil masa putrefacta.

Un sello más
de la insensatez humana
que aún no queremos entender.

Réquiem para um Lobo Marinho na Praia

Felix Hugo Noblecilla Purizaga {Peru}

Ali estava inerte
tua magia de invencível nadador.

Quem te empurrou no mundo das trevas?
Corpos estranhos em teu reino azul?
Sinistros arpões traiçoeiros?

Agoniza a sinfonia das ondas,
a brisa matinal é hoje ar viciado.

Teu enorme corpo cinza
é inútil massa putrefata.

Um selo mais
da insensatez humana
que ainda não queremos entender.

Jurel

Leonora Lombardi {Chile}

Pobre
En la mano del pobre
En la lata del pobre
Pobre jurel
Jurel pobre
En el guisado familiar
En el pan de la once
Alguien te vio
En la prehistoria humana
Cruzar raudo los mares
Seguir raudo las corrientes
Brincar entre sal y sol
Entre agua y arena
De pronto fue la ceguera
La apilada ceguera y el acero
El acero y las botas
La manguera y el hielo
La sellada y la sangre
Yo, pobre jurel de los pobres
Aún recuerdo el cardumen
El ondular plateado entre las olas
La compartida con las aves
Soy su alimento
Aún recuerdo la noche plateada
En la que mi abuela
La jurela mayor
Danzaba entre las aguas
En la que mi hermano jurel
Se escondía juguetón
Bajando y subiendo
Asomándose en la gruesa onda
Que nos llevaba a todos
En cuna de agua
Que nos llevaba a todos
En plateada luna
En voluntario viaje a la mesa de los botes
En voluntario ingreso al pico de las aves
Hasta el día que llegaron los barcos
Los barcos con sus redes continentales

Los barcos con sus figuras amarillas
Los barcos con sus puntas aceradas
Y todo fue huida y silencio
Hielo y sangre
Sangre y hielo
Encerrada lata
Vencida lata
En la vacía mesa del pobre.

1
2
8

³Guaraçuma

Leonora Lombardi {Chile}

Pobre
Na mão do pobre
Na lata do pobre
Pobre guaraçuma
guaraçuma pobre
No guisado familiar
No pão das onzes
Alguém te viu
Na pré-história humana
Cruzar rápido os mares
Seguir rápido as correntes
Brincar entre sal e sol
Entre água e areia
De repente foi a cegueira
A empilhada cegueira e o aço
O aço e as botas
A mangueira e o gelo
O selo e o sangue
Eu, pobre guaraçuma dos pobres
Ainda lembro o cardume
O ondular prateado entre as ondas
A partilha com as aves
Sou seu alimento
Ainda lembro a noite prateada
Na qual minha avó
A guaraçuma maior
Dançava entre as águas
Em que meu irmão guaraçuma
Escondia-se brincalhão
Descendo e subindo
Aproximando-se à dura onda
Que nos levava a todos
Em berço de água
Que nos levava a todos
Em prateada lua
Em voluntária viagem à mesa dos botes
Em voluntário ingresso ao bico das aves
Até o dia que chegaram os barcos
Os barcos com suas redes continentais

³ Peixe oceânico também conhecido como xaréu-dourado, taquara ou guarajuba.

Os barcos com suas figuras amarelas
Os barcos com suas pontas aceradas
E tudo foi fuga e silêncio
Gelo e sangue
Sangue e gelo
Fechada lata
Vencida lata
Na vazia mesa do pobre.

A Mis Amigos Delfines

María René Alemán Flores {Perú}



Ilustración por Maurício Kanno

Mi corazón desfallece, un triste canto se escucha
Son mis amigos delfines, Que danzan en su agonía
Buscando llegar a la orilla, de nuestro mar de Villar
Cuando la aurora del día, comienza a despertar.

¡Clemencia!, gritan ¡clemencia! Ya no podemos soportar
Nuestros finos oídos, los taladran sin cesar
Que hemos hecho nosotros, gritan en su triste sollozo
Para llegar a morir a las orillas del mar.

Cuanta tristeza siento, de ver a mis queridos amigos
Que en tantas hermosas tardes contemplaba desfilas
Y su melódica voz me hacían arrullar
En la orillas de mi lindo mar, de Contralmirante Villar.

A Meus Amigos Golfinhos

María René Alemán Flores {Peru}

Meu coração desfalece, um triste canto se escuta
São meus amigos golfinhos, Que dançam em sua angústia
Procurando chegar à beira, de nosso mar de Villar
Quando a aurora do dia, começa a despertar.

Clemência!, gritam clemência! Já não podemos suportar
Nossos finos ouvidos, os perfuram sem cessar
O que teremos feito, gritam em seu triste soluço
Para chegar a morrer na beira do mar.

Quanta tristeza sinto, de ver meus queridos amigos
Que em tantas tardes contemplava desfilas
E sua melódica voz me faziam acalantar
Na beira do meu lindo mar, de Contralmirante Villar.

Canto Final

Wilma Borchers Carrasco {Chile}

Bajo la placenta marina,
El coro de las ballenas agoniza.

Su sonoridad de acuática flautería,
Su llamado solidario,
Su cita de procrear, se disemina.

El cantar cetáceo se desorienta,
Contra ruidos de maquinarias,
Se estrellan sus sílabas.

Ellas tijeretean sus códigos,
Imponen sajaduras metálicas,
En las diáfanos cintas
de sus convocatorias urgentes.

Las embarcaciones avanzan,
Como plaga de langostas
Y el sagrado silencio se contamina
de ariscas resonancias.

El cielo de las ballenas se ha roto,
La soledad contiene otro sinónimo.

Canto Final

Wilma Borchers Carrasco {Chile}

Sob a placenta marinha,
O coro das baleias agoniza.

Sua sonoridade de aquática flautaria,
Sua chamada solidária,
Seu encontro de procriar, se dissemina.

O cantar cetáceo se desorienta,
Contra ruídos de maquinarias,
São lançadas suas sílabas.

Elas cortam seus códigos,
Impõem cortaduras metálicas,
Nas diáfanas fitas
de suas convocatórias urgentes.

As embarcações avançam,
Como praga de lagostas
E o sagrado silêncio se contamina
de ariscas ressonâncias.

O céu das baleias se rompeu,
A solidão contém outro sinônimo.

Canções

MPB

O ALIMENTO*Maga Lee**Ilustração por Maurício Kanno*

As vezes eu fico pensando e mais, eu fico tentando
Tentando na verdade compreender
Porque esse ser dito humano age mais feito insano
Com seu desejo cego de poder

De poder e dominar, de reter e escravizar

Esquece que a **Mãe Natureza** é dona de toda riqueza
E a vida é o bem de “**mais**” valor
E ela nos supre o sustento, e ela nos dá o alimento

A chuva, o sol o frio e o calor

O calor que nos aquece, o alimento que fortalece

O humano não é superior, nem tem o direito de impor

O ego que afronta a criação

Tampouco ele pode matar, da morte se alimentar

Negar o direito da vida à um irmão

Um irmão que é senciente, a dor que eu sinto ele sente

A prece que elevas na mesa, rebate, com toda certeza

Na energia que emana da dor

Será que teu ventre é altar que possa sensibilizar

A ação do Ser Divino em teu favor?

A razão supõe critério, tens no ventre um cemitério

O ovo é vida latente e o leite é do lactente

Será que é tão difícil entender

Que a paz que eu quero alcançar não está em outro lugar

Além do viva e deixe viver?

Diga não ao egoísmo

Diga não ao especismo

Diga não à escravidão

À violência diga não

Diga sim à evolução

Seja vegano meu irmão

O REMÉDIO*Maga Lee**Ilustração por Maurício Kanno*

Am Dm

POR QUE DA ATITUDE?

F

E

Am

É QUE A DOR DE UM ANIMAL NÃO PODE ME TRAZER SAÚDE

Dm

E

SAÚDE É ALGO CULTIVADO NO INTERIOR

Am

DE UMA MENTE QUE NÃO PENSA SER SUPERIOR

F

E

DE UMA MENTE TRABALHADA NO PODER DO AMOR

Am

QUE NÃO QUER INFLIGIR DOR

Dm E

QUE REMÉDIO VEM DE MÃOS QUE MATAM IRMÃOS?

Am

QUE REMÉDIO NOS FAZ SÃOS?

Dm E

SAÚDE É ALGO CULTIVADO NA COMPREENSÃO

Am

DE UMA MENTE QUE SE FUNDE COM UM CORAÇÃO

F E

DE UMA MENTE QUE ACEITA SENTIR EMOÇÃO

Am

E SOFRE PELO SEU IRMÃO

Dm E

QUE REMÉDIO VEM DE UM CÃO EM AFLIÇÃO?

Am

QUE REMÉDIO ME FAZ SÃO?

Dm E

A CURA É ALGO CULTIVADO NA SABEDORIA

Am

DE UMA MENTE QUE SÓ BUSCA SENTIR ALEGRIA

F E

DE UMA MENTE QUE PROCURA SE MANTER SADIA

Am

ABERTA, SEM ANESTESIA

Dm E

SÓ UM REMÉDIO VAI CURAR A MINHA DOR

Am

O REMÉDIO DO AMOR

Dm

POR QUE DA ATITUDE?

F E Am

É QUE A MORTE DE UM ANIMAL NÃO PODE ME TRAZER SAÚDE.

Dm E

POR ISSO LUTO CONTRA A VIVISSECÇÃO

Am

POIS A TORTURA AFRONTA A ÉTICA E A RAZÃO

F E

PORQUE O REMÉDIO QUE TEM CONTRA-INDICAÇÃO

Am

FERIU O MEU AMIGO EM VÃO

Dm E

QUE CIÊNCIA NOS CONDUZ À EVOLUÇÃO

Am

NA LEI DE AÇÃO E REAÇÃO?

Dm E

QUE CIÊNCIA NOS CONDUZ À PERFEIÇÃO?

Am

QUE CIÊNCIA MEU IRMÃO?

Dm

POR QUE DA ATITUDE?

F E Dm Am

É QUE O RESPEITO AO ANIMAL SÓ PODE ME TRAZER SAÚDE.

(Homenagem aos ativistas que libertaram os animais do Instituto Royal.)

<https://www.youtube.com/watch?v=9davqp4LRNY&list=UU9iWPVR3HacTI502DTvHMhA>

O SONHO

Maga Lee



Ilustração por Maurício Kanno

Eu sonho um sonho, eu sonho com a humanidade
Em paz com a mãe natureza, cultivando a liberdade
Eu sonho um sonho, eu sonho para o meu irmão
Eu sonho para o rei leão um mundo sem escravidão

Faço do sonho o ideal
Onde o homem, enfim, entenda que é igual
À todo ser vivente, à todo ser que sente
Seja humano ou animal

Eu vejo um boi pastando livre, distante de todo maltrato
Considerado um amigo e nunca mais um prato
Eu vejo um porquinho brincando, rolando alegre pelo chão
Reconhecido e respeitado como animal de estimação

Eu sonho um sonho, eu sonho um dia observar
Os meus amigos se nutrindo de uma horta e de um pomar
Eu sonho um sonho de que não seja ilusório
O fim da crueldade lícita de um laboratório

Que a pop star não use pele
Que a ganância o coração do ator não gele
Que haja compaixão, que venha a abolição
Que enjaular seja ilegal

Eu vejo a vaca amamentando o bezerrinho com amor
E o baby-beef relegado a um passado de torpor
Eu vejo a galinha chocando os ovos sem preocupação
Tendo seus filhos preservados de uma cruel mutilação

Eu sonho um sonho, eu sonho poder caminhar
E ver cavalos sem arreios nem carroças pra puxar
Eu sonho um sonho, eu sonho um sonho especial
Livre do sangue inocente em plena ceia de Natal

Que o cidadão nunca se negue
A acolher o cão sem dono que lhe segue
Que haja gentileza, e gestos de nobreza
Que amparar seja normal

Vejo um golfinho saltitante, que não precisa mais temer
A dor de um dia ser fisgado, pra egoístas entreter
Eu vejo agora um lindo touro, pisando o campo sem receio
Sem a tortura de um sedém e... livre do horror de um rodeio

Eu sonho um sonho, eu sonho um dia festejar
O fim da caça e da pesca e cada espécie em seu lugar
Eu sonho um sonho, repleto de luz e de cor
E meu planeta em harmonia com a paz do criador

Que o pastor não use couro
Que o Congresso aprove o fim do matadouro
Que a luz traga a razão, e a revolução
Que o sonho seja real

AS MARIAS

Maga Lee



Ilustração por Maurício Kanno

SERIA A ÚLTIMA VIAGEM,
O EPÍLOGO DA GRANDE DOR
DA CARRETA DA AGONIA,
PARA A SALA DO HORROR

NA CARGA VIVA, ABARROTADA
OLHOS DE SÚPLICA E DE MEDO
POIS NESSE FILME, O EGOÍSMO
ESCREVE EM SANGUE O ENREDO

VIDAS VIVIDAS SEM AFETO
COISIFICADAS SEM PUDOR
PRA HUMANIDADE ENTORPECIDA
SE ALIMENTAR DE DESAMOR

MAS, NO "SEM PARAR", PAROU,
SEM QUERER TOMBAR, TOMBOU
GRITOS, DESESPERO,
MORTE, ALERTA, AUXÍLIO, SORTE

E OS GRITOS ECOARAM
O DESESPERO COMOVEU
E A CARGA CONDENADA À MORTE
DA ESTRADA FRIA RENASCEU

GUERREIROS FEITOS DE AMOR
SURGIRAM PRONTOS PARA A AÇÃO
AS MÃOS DE LUZ ESTAVAM ÁVIDAS
POR SE ARMAR DE COMPAIXÃO

VIMOS, ENFIM, A GUERRA SANTA
DUM LADO, A TRISTE TRADIÇÃO
DO OUTRO, A CHAMA DO FUTURO

QUE PRENUNCIA A EVOLUÇÃO

E O GRITO ECOOU
NA ALMA “SURDA”, QUE CHOROU
E O OLHAR CEGO DE VERDADE
VIU O QUE É REALIDADE

HÁ UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL
E POR QUEM NÃO SOBREVIVEU,
NA MORTE EM CENA TÃO MARCANTE
O EGO FRIO SE COMOVEU

É A NATUREZA REAGINDO
SIM, HOVE PERDAS, HOVE DANOS
MAS O MILAGRE DA TRAGEDIA
REVELOU HOMENS HUMANOS

SUAVE SOPRO DE ESPERANÇA
E O DITO TÃO CONVENCIONAL
“ESCREVE DEUS POR LINHAS TORTAS”
NUNCA MOSTROU-SE TÃO REAL

NO BARRO, AGORA, CHAFURDA A ALEGRIA
DO OLHAR QUE, ENFIM, CONTEMPLA O DIA
E O SOL AQUECE LÁ DO CÉU
NOSSAS MARIAS DO RODOANEL

O Amor de um Cão

Ananda e Sérgio Filho

Brisa,
Brisa no meu rosto
O sol me aquece
Esse é meu lar,
Eu e você

Brisa...
Gramma sob meus pés
Não há nada mais
Que eu queira pra mim

Chega de andar por aí
Sem ter o que comer
Nem pra onde ir
Nunca mais a sombra e a dor
Do desamor

Nunca mais o vento me gelou
Nunca mais o sol me castigou
Desde o dia em que eu te encontrei

Eu vejo igual a você
Eu sinto igual a você
Eu sempre soube amar
Mas ninguém esteve pronto pra aceitar
Eu vejo igual a você
Eu sinto igual a você
Ninguém esteve pronto pra mim
Até você aceitar o amor de um cão

Dia,
Quero muitos dias
Noites claras junto a você
Tudo em paz

Venha,

Me abrace bem forte
Não há nada mais que eu queira pedir

Nunca mais o vento me gelou
Nunca mais o sol me castigou
Desde o dia em que eu te encontrei

Eu vejo igual a você
Eu sinto igual a você
Eu sempre soube amar
Mas ninguém esteve pronto pra aceitar
Eu vejo igual a você
Eu sinto igual a você
Ninguém esteve pronto pra mim
Até você aceitar o amor de um cão

Não vai mais faltar nada
Não vai mais faltar nada
Aqui é o seu lar
Não falta nada, nada, nada

O Mundo é Vegano!*(Luís Martini)*

O mundo é vegano! Se você quiser...humru... O mundo é vegano! Se
você quiser,
se você escolher, assim viver.

Seres sencientes merecem a nossa consideração moral
então, veganos pela abolição da escravidão animal.

Amor, amor, amor, amor
a tudo resiste
amar, amar, amar, amar
a todos sem limite.

O mundo é vegano! Se você quiser...humru... O mundo é vegano! Se
você quiser,
se você escolher, assim viver.

Seres sencientes merecem a nossa consideração moral
então, veganos pela abolição da escravidão animal.

Na natureza da paz,
a paz na natureza
consciência humana
na educação vegana

Assobio

Deixa a violência pra lá
O mundo mais feliz
com respeito aos direitos,
de cada um
de cada um

O mundo é vegano! Se você quiser...humru... O mundo é vegano! Se
você quiser,
se você escolher, assim viver..

Veganos pela abolição da escravidão animal.

Pãozinho Vegano
(Luís Martini)

Tô aqui na padaria
e a mulher tá dizendo
que o pãozinho tem banha
e o bolinho tem leite.

Vou pegar esses trocados
e me mandar
para um local vegano
me deliciar.

Lá por sinal
o animal
têm direitos
e respeito
é alguém afinal!
Porque na sabedoria,
ele não é mercadoria.

Tô com sede
e vou pedir:
Eih, amigo um suco de uva...
Não quero o bezerro
sem o leite da mãe,
nem vaca morta
ou viúva!

Nessa vida todos têm
o seu valor
prato cheio ou vazio
no frio ou no calor
tem que ser vegano
minha senhora, meu senhor!

Pãozinho com recheio de justiça,
e cobertura de amor
É o que eu vou querer.
É o que eu vou comer!
É o que eu vou querer.
É o que eu vou comer!

Pop-rock

LIBERTAÇÃO ANIMAL

Clésio Tapety

Num cemitério ambulante não quero me transformar

Colocar temperos num cadáver pra me alimentar

Não quero viver da dor, do pavor de um olhar

Não quero tecer terror no céu, na terra ou no mar

Porque os animais são meus irmãos, não minhas comidas

Não são objetos sem sensação pra que neles eu provoque feridas

Não são escravos à minha disposição, não sou dono de suas vidas

Não quero criá-los pra deleite do meu paladar

Não quero testar suas dores para as minhas curar

Não quero maltratá-los em jogos de sorte ou azar

Não quero vestir suas peles, nem com eles lucrar

Porque os animais são meus irmãos, não minhas comidas

Não são objetos sem sensação pra que neles eu provoque feridas

Não são escravos à minha disposição, não sou dono de suas vidas

O Sr. H*David Turchick*

Ela não falou por que razão não parava de chorar
Eu até tentei com meus pulinhos e lambidas lhe alegrar
"Olha lá, mamãe, o Sr. H vem nos visitar"
Mal eu sabia que não reencontraria aquele olhar

(refrão)

Quero viver
Quero viver
Quero viver
Mas pra quê, se é assim?

Não entendi por quê os meus amigos vinham se despedir
Eu só estranhei o que o Sr. H trazia ali
Veio a facada repentina e eu não resisti
Era o meu fim servir a quem eu nunca nada fiz

(refrão)

O Sr. H pediu desculpas a quem se ofendeu
Nunca mais ensanguentou sua faca quando a fome bateu
"É só eu comprar! É só eu comprar!", resolveu
E simples assim a sua consciência aquiesceu

Os Meus Escravos

David Turchick

Os meus escravos sentem quando é chegada a sua vez
Os meus escravos sentem quando é rasgada a sua tez
E de noite eu me pergunto: "Quem que me deu esse direito
De tratá-los como se fossem bens?"

Os meus escravos sentem total pavor porque a fila andou
Os meus escravos sentem total pavor porque o grito parou
E de noite eu me pergunto: "Quem que me deu esse direito
De tratá-los como se fossem bens?"

(refrão)

Não tenho culpa; não sou tão forte
Não sou capaz de reverter a insensatez
Peço desculpas; mal vocês sabem
Que não fui eu quem ordenou a morte de vocês

Os meus escravos sentem independente do seu dó
Os meus escravos sentem que a vida não podia ser pior
E de noite eu me pergunto: "Quem que me deu esse direito
De tratá-los como se fossem bens?"

(refrão)

Falta de Mar

Carol Magalhães e David Turchick

(introdução)

Lá fora a vida segue sem cessar
Sol e chuva, onda, brisa, mar
Lá fora a vida segue sem cessar
Sol e chuva, onda, brisa, mar

Peixes livres nadam sem parar
Água, água nunca a terminar
Liberdade não há de faltar
Desfrutando a imensidão do mar

Eu vivia a me aventurar
Saltos altos sempre eu soube dar
Muitos peixes grandes tive que evitar
Mas eu aprendi a me virar

(refrão)

Nado, nado sempre a rodar
A tristeza sempre a imperar
Essa meia-vida nunca vai bastar
Que marasmo essa falta de mar...

Um dia o homem veio me pegar
E fez isso sem pestanejar
Com aquela rede não pude lutar
Acabei bem longe do meu lar

(refrão)

Agora vivo preso a lamentar
Planta, areia, compressor de ar
Dá ração, limpa o filtro, mede o pH
Mas o aquário nunca vai bastar

(refrão)

Lá fora a vida segue sem cessar
Sol e chuva, onda, brisa, mar
Lá fora a vida segue sem cessar
Sol e chuva, onda, brisa, mar
(repetir)

Um Dia Eu Parei pra Pensar

Música: Eline Bélier

Letra: Eline Bélier,

em coautoria com

Samuel Sarmiento e Nirvana Surya

Um dia eu parei pra pensar
Tem muita coisa errada no ar
O que é que me dão pra comer?
Pra que tanto sangue em nosso viver?

Fizeram a gente acreditar
Que o homem pode tudo usurpar
Que a vida só a “nós” se refere
E nesse “nós” só cabem humanos

Será que os bichos são “produtos” nascidos
Apenas para serem trazidos
Aos magarefes para serem abatidos
Para suprir nossos gostos pervertidos

A carne, a tripa, o couro e o leite
Cadeia de pavoroso deleite
A morte serve mesmo de enfeite
E o sangue do inocente jorrando sem parar

Refrão:

Somos racionais, feitos pra pensar
E quem pensa ama, escolhe não matar
Os animais merecem o seu amor também
Ame plenamente, sem excluir ninguém

Alguém então me disse uma vez:
“Mas não sou eu quem mata a rês
Eu sou apenas um freguês
Não tenho coragem, não sei quem fez”

Quem fala assim não percebe, não vê
Que passou procuração pra alguém fazer

O que ele mesmo sabe ser crime
Mandou matar pra comer

Enquanto não quebrarmos a corrente
Não há bela paisagem à frente
A vida que criamos desmente
O que nos incutem na mente

Refrão

Há tanta vida nos campos, sementes
Que darão frutos surpreendentes
De amor a todos os semoventes
Os bichos são seres sencientes

A vida é energia, uma só
Não deixe a sua luz se apagar
Se você diz que ama e tem dó
Precisa do que mais pra mudar?

Refrão

Rap

CONTRA O EXTERMÍNIO

Marcos Favela

Produção: 100% FAÇA VOCÊ MESMO!

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela pode crê sou seu amigo.

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela, pode crê conta comigo.

A vida de um ser, só depende da pontaria.

de quem carrega o fuzil, engatilha,aperta e atira. (blaw!)

Engano seu, também depende da madame.

Que encomenda o casaco de pele, pra dizer que é elegante.

Agora eu lhe pergunto, onde é que está a elegancia?

Matar um ser inocente, para mim é ignorância.

O pegam na covardia, com pauladas na cabeça.

Arrancam sua pele ainda vivo, não se esqueça.

E o pior, que isso acontece direto e reto.

Matam bebes foca em pleno céu aberto.

São dezenas, centenas, se pá até milhares.

Pra satisfazer o ego dos covardes.

Grandes empresários, que só pensam em dinheiro.

Mesmo que para isso, exterminem o mundo inteiro.

Mas agora despertaram, o ser adormecido.

Eu sou sim, contra o extermínio.

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela pode crê sou seu amigo.

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela, pode crê conta comigo.

Meu assunto é esse mesmo, em defesa dos animais.

Tô cansado de extermínio, hipocrisia e ainda tem mais.

Tem gente que ainda fala, que minha causa é perdida.

Apenas ponho em prática o que aprendi na periferia.

O que fazem com o povo pobre com certeza não é justo.

Tem muita mãe chorando, muita família de luto.

Mas graças a nós, tem guerreiros ao lado do povo.

Eu também estou e revido fogo com fogo.

Mas também, não posso fechar os olhos.

Ao extermínio de animais, vou lutar, eu devo e eu posso.

Cansei de ver, injustiça com os animais.

Causadas pelo ser humano, bando de irracionais.

Que carregam consigo mesmo, o prazer de fazer o mal.

Pro dinheiro ou de graça, bem vindo ao mundo real.

Agora despertaram, o ser adormecido.

Eu sou sim, contra o extermínio.

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela pode crê sou seu amigo.

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela, pode crê conta comigo.

Eu tô ligado que tem uma par, que vão me criticar.

Mas tô pouco me lixando, pru que vão ou não falar.

Naõ tô fazendo um som, só pra ganhar ibope.

Apenas utilizando a liberdade do Hip Hop.

Naõ estou usando o Rap, o Rap é quem me usa.

Pra passar a informação, inteligente e de forma justa.

Naõ quero ver os bichos, testados em laboratórios.

Virando casaco de pele ou confinados em zoológicos.

Sou a favor da libertação humana e animal.

Rodeio pra mim é crime, coisa fútil e banal.

Pesca esportiva, é puro selvagerismo.

Pratique esporte sadio, sem maltratar nossos amigos.

Vire um vegano, não derrame sangue inocente.

Todo sangue será cobrado, olho por olho, dente por dente.

Agora despertaram, o ser adormecido.

Eu sou sim, contra o extermínio.

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela pode crê sou seu amigo.

Eu sou sim, contra o extermínio. (3x)

Aqui é Marcos Favela, pode crê conta comigo.

Go Vegan

(Andrézão - Go Vegan (Prod. Caos Beats))

Eu sou o boi que desaba em cada abatedouro

Eu sou o moleque que morre nas minas catando ouro

Eu sou o grito do porco, sangrando estridente.

Eu sou a mãe que assiste, a morte dos descendentes.

Eu sou o leite da vaca, e a teta que inflama.

Eu sou a faca que corta, sem dó a garganta.

Eu sou o pescoço quebrado e o ovo da galinha.

Eu sou a janta de quem diz, a culpa não é minha.

Eu sou o índio executado, por defender a terra.

Eu sou o soldado condenado, por mostrar o que é a guerra.

Eu sou o jornalista exilado, por a verdade ter mostrado.

Eu sou o terrorista inventado, para ser declarado culpado.

Eu sou o escravo torturado, pela ganância e vaidade.

Eu sou o talento desperdiçado, no vazio da futilidade.

Eu sou a peça sem molde, que gera caos e desordem.

Eu sou a juventude sem voz, pra que os velhos me esnobem.

O jogo é amar, o jogo é viver.

O jogo é plantar para depois colher.

Eu não quero competir, eu vim para somar.

Todo dia conseguir, sempre me superar.

Amanhã ser melhor, do que eu ontem era

Esse é o lema, para uma Nova Era.

Eu sou o pássaro que voa, sem medo da liberdade

Eu sou o peixe que nada, nos mares da igualdade.

Eu sou o coelho que escapa, do lobo tentando o bote.

Eu sou o instinto presente, de quem não brinca com a sorte.

Eu sou o sol que brilha, trazendo um novo dia.

Eu sou a chuva que irriga, pro povo traz alegria.

Eu sou a terra que dá, e só pede respeito.

Eu sou a vida que jorra, aqui dentro do peito.

O jogo é amar, o jogo é viver.

O jogo é plantar para depois colher.

Paródias
De Carnaval

Preste Atenção (Abre Alas)*Maga Lee*

Oh, abre alas, nós vamos passar
A nossa voz ninguém vai calar
Os animais não podem falar
Então por eles nós vamos lutar

A nossa voz vem do coração
Deixar viver é nossa missão
Nós somos, hoje, uma legião
Nossa bandeira, a abolição

*

Coração Vegano*Maga Lee*

Doutor, eu não me engano
Não sou doente por ser vegano
Doutor eu não me engano
Não sou pinel, eu não sou insano

Mamãe me dizia pra carne eu comer
Pois sem “a proteína” eu ia adoecer
Ai, doutor, que ledô engano
Estou mais saudável a cada ano

*

A Galinha Chorou*Maga Lee*

A galinha chorou
Lhe deixaram chorar
Trituraram seu filhinho
Pois não pode botar

A carroça tombou
E no chão vai ficar
Porque o pobre do cavalo
Não consegue mais andar

Maria Bonita

Maga Lee

Acorda, Maria Bonita
Desperta pra realidade
A carne que você come
Provém de morte com crueldade

Acorda, Maria Bonita
Encare de vez a verdade
Se não respeitar a vida
Nunca terá a felicidade

Acorda, Maria Vegana⁴

Maurício Kanno

Acorda, Maria Bonita / Olha bem pro seu prato né!

Repara que a sua comida / Um dia já estive de pé! (2x)

Se eu soubesse qUE mostrando / Vídeos de abate tão sangrento

Você parava essa malda-ade, / Minha casa era cine trash!

Moça por demais Ingênuu / Não tem mais descUlpa não!

Quem não respeita os Animais / MÓrre cego e naÃo vê nada!

Acorda, Maria Bonita / Olha bem pro seu prato né!

Repara que a sua comida / Um dia já estive de pé! (2x)

Um dia já estive de pé! (2x)

4 [Acorda, Maria Bonita] <http://letras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/528841/>

Laticínio faz bezerro chorar⁵

Maurício Kanno

(Mamama) Mãe eu quero, mãe eu quero,

Mãe eu quero mamar!
[“Ai” na 2ª] Laticínio! Laticínio!

Laticínio faz bezerro chorar!

(2x)

Dorme filhinho, do meu coração!
Tão bebezinho, já te matarãao.

O leite que era seuuu, tiram-me ele todoooo. [força na última palavra]

Viro aparElhoo, que engravida o tempo tOdo! [rápido em “engravida”]

(Mamama) Mãe eu quero, mãe eu quero,
Mãe eu quero mamar!
[“Ai” na 2ª] Laticínio! Laticínio!

Laticínio faz bezerro chorar! (2x)

[lusitano]

Humanos me escravliizam, pegam todo o leeeite;

5 [original cantado por Carmen Miranda]

[Mãe eu quero] [de Vicente Paiva (1937)]

<http://letras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/430751/>

Fazem também queijo, só não matam minha sEEede!...

Sede maternal, de cuidar do meu filhOote! [sobe bem no fim]

Vira baby-beef preso e anÊêmico no pÓote! [rápido com toquinhos via “anêmico”]

(Mamama) Mamãe eu quero, mamãe eu quero,

Mamãe eu quero mamar!
[“Ai” na 2ª] Laticínio! Laticínio!

Laticínio faz bezerro chorar!

(2x)

*

Mamãe Eu Quero (Leite)

Maga Lee

Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar
Mas o humanoide, mas o humanoide,
Mas o humanoide vai meu leite roubar

Foge filhinho do meu coração
Antes que o carrasco te jogue no porão
Sei que algum dia te encontro lá no céu
Distante da maldade do humanoide tão cruel

*

Mamãe Não Quero (Jaula)

Maga Lee

Mamãe não quero, mamãe não quero, mamãe não quero viver
Preso na jaula, preso na jaula
Preso na jaula pra humanoide entreter

Pobre filhinho do meu coração
Os humanoides não sentem compaixão
Pra eles nossas vidas não têm nenhum valor
Eles nos escravizam sem remorso e sem pudor

4 -Zoológico é Prisão⁶

Maurício Kanno

(Os prisioneiros de hoje... serão os libertos de amanhã!)

Zoológico é prisão,

É prisão, é prisão!

O preso não fez crime

Nem foi julgado não!!!

(2x)

É coisa tão normAlizAda

Em tOodo o Brasil

Só que isso, é sacanAgem,

Repara nisso, vIU!

[2 estrofes 2x]

(Êeeeeeee! É isso aí, meninos e meninas...

Onde tem mais zoológico...

É no Brasil, ou no Japããooo???

É no Piauí, ou no Maranhããoooo????)

⁶ [Maria Sapatão] [João Roberto Kelly / Chacrinha (José Abelardo Barbosa de Medeiros)]

Zoológico é prisão,
É prisão, é prisão!
O preso não fez crime
Nem foi julgado não!!! (2x)

É coisa tão normAlizAda
Em tOodo o Brasil
Só que isso, é sacanAgem,
Repara nisso, vIU!
[2 estrofes 2x]

(Opaaa... Zoológico é prisão! É lógico!
E quem gosta, de prender animalzããoo?
Ééé lógico!... Devia ir, é... pra... prisããoo!)

Que Sofrimento e Dor (Bandeira Branca)*Maga Lee*

Que sofrimento e dor
Não posso mais
Ver a maldade que se faz com os animais

Maldade vem do desamor
Verdade que nos dói demais
Por isso empresto
A minha voz aos animais

*

Olha que sacana esse caubói!⁷

Maurício Kanno

Olha que sacana esse caubói!

Judia do boi! (2x)

[Especista!]

[2x]

Será que ele é ruim da cabeça?

Será que é doente do pé?

Será que ele amalucado?

Sei lá o que é que ele é!

Monta em cima dele!

Monta em cima dele!

(2x)

7 [Olha a cabeleira do Zezé]

[de João Roberto Kelly e Roberto Faissal]

<http://letras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/497937/>

Pegando Fogo*Maga Lee*

No carnaval o mundo está pegando fogo, fogo, fogo
Enquanto animais são levados pra matança
Pra carnista encher a pança

No carnaval o mundo está pegando fogo, fogo, fogo
Enquanto animais viram entretenimento
Pra gente sem sentimento

*
—

Que Sofrimento e Dor (Bandeira Branca)*Maga Lee*

Que sofrimento e dor
Não posso mais
Ver a maldade que se faz com os animais

Maldade vem do desamor
Verdade que nos dói demais
Por isso empresto
A minha voz aos animais

*

Você Pensa Que Animal é Coisa*Maga Lee*

Você pensa que animal é coisa
Animal não é coisa não
Perceba o ronronar do gato
E quanto é fiel o cão

Tem coisas que afastei da minha vida
Ovo, carne, leite e couro
Não quero casaco de pele
Mas quero o fim do matadouro

Pode me faltar o mel
Isso é bem natural
Só não quero que o humanoide
Escravize o animal

Ave depenada não voa mais⁸

[Não arranque pena pro seu Carnaval]

Maurício Kanno

Gente do bem não faz mal pro animal (2x)

Não arranca pena da pobre ave!

Pra fantasia do seu Carnaval!

Me diz se você não quer viver em paz! (2x)

Pois imagina se alguém te pegasse!

E tua roupa e cabelo arrancasse, rapaz!

A ave tentou dar uma empinadinha

Depenada não rola nem uma nadadinha

Tá condenada a viver rasgadinha

Toda hora sem dó rasgam ela inteirinha

Gente do bem não faz mal pro animal (2x)

Não arranca pena da pobre ave!

Pra fantasia do seu Carnaval! [2x]

8 [A pipa do vovô]

3.5)

Paródias de Natal

(Maga Lee)

A-BATE O SUÍNO*Maga Lee*

A-bate o suíno, pequenino

Suíno neném

Tradição do cristão, que compaixão não tem

A-bate o suíno, pequenino

Suíno neném

Já mataram o Deus Menino, Aleluia, Amém

Hoje a noite é bela

Juntos ele e ela

Acendem a vela

Pro Natal festejar

O leitão na mesa

No olho uma cereja

Convém que assim seja

Convém até matar

Noite Infeliz

(Noite Feliz – Versão: Maga Lee)

Noite infeliz, noite infeliz

Oh, senhor, quanta dor

Que sofreu o porquinho neném

Foi pra mesa do “homem de bem”

Para te homenagear

E em teu nome matar

Noite infeliz, noite infeliz

Oh, Jesus, a tua cruz

Se estende ao inocente animal

Assassinado para o “teu” natal

Fiéis pedem paz para os seus

Comendo um cordeiro de deus

Noite infeliz, noite infeliz

Oh, Jesus, acende a luz

Tão escuro é o coração

Do que pede a tua compaixão

Mas que por mero prazer

Aceita uma vida abater

Noite infeliz, noite infeliz

A chorar, a gritar

Suplicou o animal, nosso irmão

Ao carrasco um fio de compaixão

Com tanta hipocrisia

Rezam a Ave Maria

*

Deu Branco no Natal (Natal Branco)

(White Christmas - Versão Maga Lee)

Lá longe, em suplício, morrem
Assassinados pro Natal
Animais inocentes
Que são sencientes
Prazer cruel e irracional

Bem longe, a tortura fere
Apunhalando o coração
Do irmãozinho que chora de dor
Enquanto o "crente" se põe em oração

Lá, onde se esvai a vida
O corpo inerte é iguaria
Pra compor a ceia tão farta e cheia
De tradição e hipocrisia

Lá, onde o egoísmo impera
O indefeso é devorado
No Natal do Cristo que foi
Pela tradição crucificado

Paródias sortidas

VegElise⁹

Maurício Kanno



Ilustração do autor

Carne leite ovo queijo não.

Isso é tão mau. Pro animal! - 5s.

Arroz feijão legume, macarrão.

O vegetal; é que é legal.- 10s.

Frango peixe couro pele não.

Isso é tão mau. Vai na moral!

⁹ Em referência à *Für Elise*, de Ludwig van Beethoven, conhecida no Brasil como “música do caminhão de gás”.

Milho fruta couve e muito grão.

Só vegetal: sensacional. - 20s.

Pintinhos mil! Trituradinhos!

Pro seu ovinho! No seu bolinho.. - 25.

Então vamos parar com [sobe] isso de ovo por favor, oh pare, oh, meu irmão! - 30s.

Mas por que não? Costume vão.

Carne leite ovo queijo não.

Isso é tão mau. Pro animal.. - 38s.

Pintinho macho! Não bota ovo!

Assim que nasce! Vai pro lixo! - 43s

Então vamos parar com laticínio por favor, oh pare, oh, meu irmão! - s.

Mas por que não? Costume vão! - 51s.

Arroz feijão legume, macarrão.

O vegetal; é que é legal! - 1min

(04/02/2013)

Marcha Imperial Antropocêntrica¹⁰

Maurício Kanno

-- tchsss... hoooo... tchsss... hoooo --

-- toum! torororom! tomtoum! --

[tom grave e lento] Naão me imporTO com fraa-co!

MAATO e domiino TODO aque-le

QUE não é / minha espécie!

[sobe, agudo!] SIIGO o costumee,

NOS OUTROS tão ridículo pensar!

É afinal, o que sempre / aprendi!

Vacas-porcos, são comida; pinto só, vale o meu!

-- toum! torororom! tomtoum! --

[tom grave e lento] Aas tradições são o que / mais impor-ta!

E é por isso / que eu moro

Na minha linda caverninha!

¹⁰ Em referência à trilha sonora de *Star Wars* que acompanha o personagem vilão Darth Vader

[sobe, agudo!] NÃOO mexam em minha senzalinha, tão pretinha
Notebooks, smartphones // ah, são radicais! Que antinaturais!
Prefiro e muito / a querida / maquininha de escrever!...

-- toum! torororom! tomtoum! --

[tom grave e lento] SIIIGA o lado sombrio da Força
Ah, Você / não conhece o poder!

[sobe, agudo] Aapenas ele, o poder e a coomo-dida-de é que
importa

Não importa se esta más-cara usar!
A viiida inteira e mais nada enxergar!

Venham! Marchem! Devorem! Massacrem!

-- toum! torororom! tomtoum! --

-- tchsss... hoooo... tchsss... hoooo --

-- tchsss... hoooo... tchsss... hoooo --

Ai, te coloca, lá onde tá a vaca¹¹

Maurício Kanno

[G´m bóra!]

Nossa, nossa

Assim ´scraviza e mata

Ai te coloca, lá onde tá a vaca (vai)

Chacina, chacina

Assim ´scraviza e mata

Ai te coloca, lá onde tá a vac´heim!

(toruru toruru toruruur)

Domingo... No churrasco...

A galera passou a enfarta-aar

Ee passou a picanha sangrando

Tomei coragem; e comecei a falar

Nossa, nossa

11 (*Ai, se eu te pego*, cantada por Michel Teló)

<http://letras.mus.br/michel-telo/1930299/>

Assim ´scraviza e mata

Ai te coloca, lá onde tá a vaca...!

Chacina, chacina

Assim ´scraviza e mata

Ai te coloca, lá onde tá a vac´heim!

(toruru toruru toruruur)

Domingo... No churrasco... (o quê?)

A galera passou a enfarta-aar

Ee passou a picanha sangrando

Tomei coragem; e comecei a falar

Nossa, nossa

Assim ´scraviza e mata

Ai te coloca, lá onde TÁ a vaca...!

Chacina, chacina

Assim ´scraviza e mata

Ai te coloca, lá onde tá a vac´heim! (vai!)

que chacina, heim!

Asa Branca da Liberdade

Zetti Nunes

Quando olhei a carne ardendo
Na fogueira do galpão
Eu perguntei a Deus do céu
Pra que tamanha judiação

Que braseiro na fomalha
Assam fios de costelão
Costela escudo que foi da vida
Por trás pulsava um coração

Vaca não vê seu bezerro
Numa triste solidão
A vida inteira sendo explorada
Depois é a morte, não tem perdão

Nada a esperar da sorte
Empilhados no galpão
Adeus porquinho, adeus galinha
Levem consigo meu coração

Tem anzol cruel ou malhas
Tem pesqueiro e seu arpão
Por falta d'agua'goniza o peixe
Morreu na rede, judiação

Até mesmo a Casa Branca
Triplicou a libertação
Mulher e negra e também vegana
Primeira-dama da Nação

Longe longe, a muitas léguas
Na fazenda que é prisão
Suplica o bicho, voltar de novo
Pra liberdade lá do sertão

Quando os grandes olhos tristes

Da vaquinha olham o portão
Eu te asseguro, não chores não viu,
Que tá chegando a libertação.

Minibiografias dos autores

*

ORGANIZADOR, POETA, COMPOSITOR E ILUSTRADOR

Maurício Kanno nasceu em Guaratinguetá (SP) em 1982, mas sempre morou na capital paulista. Formado em Jornalismo pela USP, fez parcialmente pós-graduação em Roteiro Audiovisual no Senac. Trabalhou na Folha de S.Paulo, foi conciliador no Procon-SP e hoje faz mestrado em Estética e História da Arte na USP. Publicou em 2014 seu primeiro romance “A Menina que Ouvia Demais” e tem contos em sete antologias, a maioria da Editora Andross. É vegano desde 2008, fundou o Grupo de Estudos de Direitos Animais (GEDA) em 2007, organizou anualmente, de 2010 a 2014, o Sarau & Mostra de Artes pelos Direitos Animais (quatro edições em SP e a última no RJ), além de ter montado em 2014 diversas exposições de artes pela causa: em São Paulo (restaurante Broto de Primavera e spa Espaço Surya), Brasília e Stuttgart (Alemanha). Contato: mauricio.kanno@gmail.com

*

2 POETAS-COMPOSITORES

Carol Magalhães nasceu em 1978 no Rio de Janeiro. Sempre morou na Tijuca, nessa cidade. É fonoaudióloga, doutora em estudos da linguagem pela PUC-Rio, professora do curso de Fonoaudiologia da UFRJ. Vegana desde 2007, adotou seis gatinhos e já cuidou de alguns animais como lar temporário.

Zetti Nunes nasceu em 1943, em Mangueirinha (PR). Funcionário aposentado do Ministerio Publico do Paraná e escritor, fez curso incompleto de Psicologia e oficinas literárias. É vegano desde 2006, vegetariano desde 1996, participa de movimentos pelos direitos animais e escreve sobre a natureza em geral. Produz um vídeo sobre seu poema Leitão Pururuca, a ser lançado na Mostra Internacional de Cinema pelos Animais, em novembro de 2014. Contato: zettinunes@yahoo.com.br

*

POETISA-ILUSTRADORA

Lívia Hay nasceu em 1986 em São Paulo, onde vive, é apaixonada pelas letras e pelas artes. É formada em Jornalismo e Teatro e atualmente estuda Artes Visuais, desde 2012. Seu contato com os direitos animais começou aos 16 anos, quando resolveu se tornar vegetariana em prol dessa causa. Portfólio: liviahay.daportfolio.com . Contato: liviahayama@gmail.com

*

POETISA E TRADUTORA

Francielle Piuco Biglia é professora e tradutora. Nasceu em 1984 em Caxias do Sul (RS). Estudou Língua e Literatura em Milão (Itália); fez mestrado na mesma área na Universidade Pompeu-Fabri, em Barcelona (Espanha), onde também, finaliza seu doutorado em Tradução, em parceria com a Universidade de São Paulo, no Brasil. Contato: xx@gmail.com.

*

15 POETAS BRASILEIROS

André Esteves Martins Pinto nasceu em São Paulo (SP) em 1989. É agitador cultural, palestrante e escritor publicado com o livro Shakyonte. Atua como divulgador e incentivador das artes em eventos como os feitos na Livraria Nobel do Shopping Mais com minipalestras, saraus e música. Atua também como poeta criativo no Lit Experience, que faz o que chama de Experience Design. Organiza três grupos no aplicativo/sistema MeetUp: “Escrita e Escritores em São Paulo”, “Desenvolvimento Criativo - A Arte da Persona” e “Organizadores de MeetUp”. Ganhou o segundo lugar num concurso de poesia da Academia Marataízense de Letras em 2013 e menção honrosa na edição de 2013 da Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil. Estudou por quatro anos na Faculdade de Direito da USP e trabalhou meio ano com computação na SaaS-Brasil. E-mail: andremartinspinto@outlook.com . Site: <http://shakyonte.weebly.com> .

Bruno Müller é historiador e doutor em História; e nasceu no Rio de Janeiro, em 1979, onde reside. Publicou em 2015 seu romance “Espelho Partido” (Editora Multifoco), abordando direitos animais, depressão e existencialismo. Contribuiu com seus contos para o blog Enlaces Literários entre 2013 a 2014. Vegano desde 2007, faz pesquisa,

ministra palestras e escreve textos em favor dos direitos animais.
Contato: bfmuller@gmail.com

Clio Francesca Tricarico nasceu em São Paulo (SP) em 1962. É doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo e mestre em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu. Membro dos GTs (grupos de trabalho) “Edith Stein e o Círculo de Gotinga” e “Filosofia Francesa Contemporânea” da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia). O foco de sua pesquisa tem sido o pensamento contemporâneo, principalmente em torno da consciência e da identidade. Nos últimos três anos, teve seus poemas contemplados com a publicação nas Antologias anuais do Premio Mondiale de Poesia Nosside. Contato: cliofricarico@hotmail.com

Danielle Bandeira nasceu na cidade de São Paulo, no ano de 1988. Atualmente é bacharelanda no curso de Ciências e Humanidades e no curso de Filosofia, no qual também é licencianda, todos pela Universidade Federal do ABC, onde pretende realizar pesquisa na área da Filosofia investigando as similaridades e as intersecções entre o especismo e o machismo. Vegana e ativista independente dos direitos animais e humanos, defende uma visão abolicionista alinhada às ideias de Gary Francione. Foi coordenadora do Grupo de Estudos de Direitos Animais (GEDA) em São Paulo durante os anos de 2014 e 2015. Contato: drapeau.danielle@gmail.com

Dimas Gomez é jornalista pela Faculdade Cásper Líbero e nasceu em São Paulo (SP) em 1984. Suas experimentações literárias envolvem a prosa enxuta de narrador pesado, carregada de melodia e sonoridade. Atua também como editor, preparador e consultor editorial. Ministra oficinas de criação literária e aulas de redação. Já atuou como revisor de textos, repórter fotográfico e multimídia, além de ter sido editor de desenvolvimento de livros acadêmicos pela Pearson Education do Brasil. Recentemente, foi convidado a integrar o Grupo de Pesquisa em Edith Stein da UNIFESP. Vegetariano desde 1999, vegano desde 2008, trabalhou no Geda (Grupo de Estudos de Direitos Animais) entre 2008 e 2010 - o qual coordenou no segundo semestre de 2008 -, foi autor do projeto SejaVegano e coidealizador da ANDA (Agência de Notícias de Direitos Animais). Contato: dimasgomez@gmail.com

Elen Sousa de Abreu Silva nasceu em Barra do Corda, Maranhão, em 1993; reside em São Luís. Vegana e ativista pelo direito dos animais. Sempre escreveu textos, contos e poesia. Graduada em farmácia pela universidade Ceuma, é aluna de Iniciação Científica. Esta

é a sua primeira publicação impressa. Mantém o blog elenabreu.blogpost.com e o blog veganepoesia.blogpost.com. Contato com a autora: elen_abreusilva@hotmail.com

Fer Moreno, Reikiana e Yogini, é buscadora de si e da espiritualidade. Escreve, dança e é apaixonada pela vida. Nasceu na capital de São Paulo, em 1987, batizada como Fernanda de Oliveira Miranda. Idealizadora e instrutora em: O Movimento da Alma. Atua com a função terapêutica da Arte desde 2008 e é instrutora de Hatha Yoga desde 2014. Estudou Teatro, formada pelo Instituto de Artes da UNESP, realizou cursos livres de Teatro, Dramaturgia e Dança. Escreve desde pequena, e entende a escrita como a dança transformadora das palavras. Seus temas se direcionam pelo movimento de autoconhecimento e autotransformação, feminismo e direitos animais. É vegana e atua no movimento pelos direitos animais de maneira independente. Mantém uma página, com suas poesias e demais textos no Facebook: [@respiropoesiaeamor](https://www.facebook.com/respiropoesiaeamor). Contato: omovimentodaalma@gmail.com <http://blognesga.blogspot.com.br>.

George Guimarães é nutricionista, ativista pelos direitos animais e nasceu em São Paulo (SP) em 1974. Vegetariano desde os 4 anos de idade, é vegano há 20 anos. Desde 2006, dirige a ONG Veddass. É conselheiro consultivo do Instituto Abolicionista Animal e membro-fundador da Sociedade Vegana (2010). Dedicar-se à pesquisa, aconselhamento e consultoria em nutrição vegetariana em seu consultório em São Paulo, onde dirige a Nutriveg Consultoria em Nutrição Vegetariana, empresa pioneira na área no país. Durante 10 anos dirigiu o Vegethus Restaurante Vegano, primeiro restaurante vegano da cidade de São Paulo e que chegou a contar com três unidades, onde eram promovidos cursos e eventos com o objetivo de difundir o veganismo. Contato: nutriveg@terra.com.br

Gerson Luiz nasceu em 1987, em Serra do Mel (RN), onde vive até hoje. Estudante de Pedagogia, já se formou como auxiliar de enfermagem. É filho de agricultores e fascinado pelo mundo da leitura desde os 9 anos de idade. Escritor e poeta, já escreveu outros textos em diferentes temáticas, ainda não publicados. É vegetariano desde janeiro de 2013 e em busca constante para transição completa ao veganismo e ao ativismo pelos direitos dos animais. Contato: luizseno@hotmail.com

Infinita Devi (antigamente Dulce Néia) é poetisa, cantora, compositora e autora do livro de poesia “Eu Rio Tu Navegas”,

patrocinado pela Secretaria de Estado de Cultura do DF, Fundo da Arte e da Cultura (SEC/FAC), em 2004. Sua segunda obra, “Folhas de Ternura e Versos para Terras Férteis”, também foi publicada com apoio da SEC/FAC. Foi premiada em concursos literários em 2004, com o poema “Pitanga”, no concurso internacional Prêmio Padre Donato Vaglio/SP; no mesmo ano, premiada no 2º Concurso Rachel de Queiroz, do Sindjus/DF; posteriormente, recebeu Prêmio de Edição pela Editora Phoenix. Dispõe de poemas publicados no site nosrevista.com.br, participou com poemas nos livros: “Antologia de Poesias: Prêmio Padre Donato Vaglio”, “Poesias, Contos & Crônicas - 2º Concurso Literário Rachel de Queiroz” e “Construindo Caminhos para a Intervenção Psicossocial no Contexto da Justiça”. Contato: folhasdeternura@gmail.com

Jonas Worcman: Completamente inspirado e encantado pelo sagrado da poesia, Jonas pulou da baleia para barriga da sua mãe, seu parto foi adiantado por uma peça de teatro que fez a Karen rir tanto que a bolsa estourou antes da hora. Seu pai José Santos se tornou ali um escritor para crianças e leu pra Jonas todos os dias, passaram a escrever e até publicar juntos, até agora são 3 em parceria! Quando Jonas foi morar com Inácio um cordelista no Ceará se apaixonou por ecologia, depois veio virar vegano pra declamar esses versos nos saraus maravilhosos que acontecem nas periferias como o Sarau do Binho, o Sarau da Praga e os Poetas Ambulantes. Contato: jonas_worcman@hotmail.com.

Leonardo Ortegal nasceu em 1985, em Brasília (DF). É assistente social e mestre em Política Social pela Universidade de Brasília. Trabalha com adolescentes autores de ato infracional, escreve para o jornal “O Miraculoso”, escreve poesias e algumas delas foram publicadas em diversas coletâneas brasileiras. Divide teto com Pistache e Chantilly, dois gatos tirados do abandono da rua. É vegano há dez anos e membro da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB). Contato: ensejo@gmail.com

Marcelo Rossin é protetor dos animais, vegano desde 2008. Pai de oito gatos e um cachorro, todos recolhidos das ruas. Voluntário diário em um canil onde vivem cães antes abandonados. Membro da comissão de animais silvestres e domésticos do residencial onde mora, fazendo parte sempre que possível dos resgates de animais em apuros. Graduado em Administração de Empresas pela PUC-SP e em Letras

pela USP, com pós graduação em Marketing internacional. Atuou por muitos anos em bancos e empresas multinacionais na área de seguros. Atualmente é profissional autônomo na área de marketing online. É escritor e fotógrafo amador. Contato: rossin@hotmail.com

Rodolfo Junior nasceu em 1992, em São José dos Campos (SP). cursou Arquitetura durante dois anos, na Universidade do Vale do Paraíba, mas mudou para Direito, curso em que estuda atualmente, na mesma universidade, para poder lutar mais pela causa animal. Sempre se interessou por arte, filosofia e pela natureza. Aos 19 anos descobriu o holocausto animal e se tornou vegano. Aos 20, se tornou ativista pelos direitos animais e formou com amigos o grupo ARCA (Abolição Revolucionária Compaixão aos Animais), atuando em projetos de conscientização no centro de São José dos Campos e de São Paulo. Contato: junioru2nogueira@hotmail.com

Viviane Lima nasceu em Brasília (DF) em 1976. Pedagoga, fez especialização em Educação a Distância e Educação Aplicada no Contexto das Organizações. Na seara literária, fez o curso Trajetória do Livro e da Edição, pela Unisinos EAD. Criou o projeto Incubadora Literária (IL), que aconteceu entre 2008 e 2013, pelo qual foram produzidos 142 textos de 11 autores, com foco na experimentação em torno de variados gêneros, estilos e formatos. Também criou o Desafio Literário (DL), que durou de 2010 a 2013, tendo contado com mil leitores resenhistas, que registraram 5.480 leituras feitas. O projeto era uma gincana que motivava a leitura de, no mínimo, 12 livros por ano, cada um de um tipo. Contato: vivablima@gmail.com

*

11 POETAS HISPANO-AMERICANOS

Armando Azcuña Niño de Guzmán. Nació en Puno – Perú. Es profesor en el área de letras, músico, bailarín, fundador de la Asociación Cultural Brisas del Titicaca en 1962. Es Integrante del colectivo cultural Capulí Vallejo y su Tierra, actual miembro de la Academia Mayor de la Lengua Quechua Regional Lima. Directivo de la S.U.A.L.(Sociedad Universal de Artistas y Literatos). Está dedicado a la difusión de la Poesía en Runa Simi, a fin de revalorar, defender y mantener viva la lengua de nuestros antepasados, el

legado cultural más importante del Tawantinsuyu, que según la UNESCO, ESTÁ EN SERIO PELIGRO DE EXTINCIÓN.

Elena De La Torre. Chile 1931. Ha publicado las siguientes obras: *Desde la Soledad*, 1985. *De la sangre a la Luz*, 1987. *Envejecida y rota la noche avanza*, 1989. *Juegos entre Darío y Leandra*, 1990. *Pájaros de ceniza*, 1993. *El último invierno de los bastardos*, 1997. "*Bajo el follaje*"; relatos campesinos basados en la vida real, premio FAICC. Ilustre Municipalidad de Concepción, 2003. *Todo el azul es tuyo*, 2008 y el libro de ecopoemas "Los Cercos de fuego" 2010. Un fragmento de *Pájaros de ceniza* fue traducido al alemán en la Antología "Der Rhythmus des Regens" (El ritmo de la lluvia) Ha sido antologada en México por la revista "Norte" e "Image Craft, en Canadá. Contacto: edelatorre1931@gmail.com

Erasmus Rodríguez Barreto. Nació en Roldanillo, Valle del Cauca, Colombia. 1953. Vive en Bogotá. Educador en el sector público durante 32 años. Maestro experto en educación de excepcionales. Licenciado en Psicología y pedagogía. Ha publicado: Algo así como lo de muchos (1977), Sí señor, así es (1980), Caricias (1985), Huellas del cerebro (1995), Canción de tierra (1998), Pura pepa (2003), La justa injusticia de justo (2005), Caras ocultas (2007), La ilusión de dios (2009), Actos de desamor (2011), Cantos y cuentos para que cuentes a cuantos quieras (2012), 99 fábulas para el tercer milenio (2014), Lo digo de corazón (2014), Odas (2015). Líder de campañas educativas para que no se capturen, ni se comercialicen, ni se tengan animales en cautiverio. Ha participado en los Festivales Mundiales de Ecopoesía 2015 y 2016 en Tumbes, Perú. Correo: eramos997@hotmail.com

Félix Hugo Noblecilla Purizaga. 1958 Tumbes - Perú. Es profesor de Ciencias Naturales Ha publicado los libros Ecología de Tumbes, Fauna de Tumbes en Peligro de Extinción, El sueño del cocodrilo: Cuentos y poemas de Tumbes", el ecopoemario "Espacio para el mañana". Ha participado en eventos literarios y de conservación ambiental en: Argentina, Chile, Colombia, Brasil, Ecuador y diversas ciudades del Perú. Por su labor cultural y literaria ha recibido reconocimientos del Congreso de la Republica, de la Biblioteca Nacional de Perú. Es presidente de la Unión Mundial de Poetas por la Vida <POETAS UNIVA>. Actualmente labora como especialista en Educación en la Dirección Regional de Tumbes. Contacto: fhugonp@yahoo.com

Julia Veintimilla Jaramillo, nació en 1964, en Zaruma, provincia de El Oro - Ecuador, cursó estudios de primaria y secundaria en Zaruma y Quito. Teóloga, graduada en el Instituto IITD. Extensión Universidad católica de Guayaquil. Diseñadora y administradora de páginas web. Reside entre las ciudades de Guayaquil y Machala, trabajando como asesora comercial y representante legal de la empresa: Medical Implant. Cursos de Taller de Literatura Creativa en la casa de la cultura: Benjamín Carrión-núcleo de El Oro. Ha representado a Ecuador por dos años consecutivos en los Festivales

Mundiales de Ecopoesía, organizados por la Unión Mundial de Poetas por la Vida <POETAS UNIVA, en Tumbes-Perú. Contacto: jaramlia@hotmail.com

Karina Gálvez nació en Guayaquil, Ecuador en 1964, y también tiene nacionalidad estadounidense. Es poeta, gestora cultural y presentadora de televisión y radio en Ecuador. Estudió Economía, Turismo, Idiomas y Manejo de Crisis en Desastres y Emergencias. Ha participado representando a Ecuador y Estados Unidos en varios congresos mundiales de poesía. Presidió el II Congreso Literario Mundial por la Identidad de los Pueblos y la Paz. Nominada a la Primer Medalla Internacional a la Paz y a la Cultura, por la Fundación Salvador Allende. Sus poemas han sido traducidos a varios idiomas. En 1980 se hizo miembro de Fundación Natura. Apoya a organizaciones de investigación, conservación y rescate, como la Andean Bear Foundation. Contacto: karina.galvez@hotmail.com Website: www.karinagalvez.com

Leonora Lombardi, pseudónimo de Marcela Prado Traverso (1955) Viña del Mar, Valparaíso, Chile. Actualmente reside en Viña del Mar. Doctora en Literatura por la Universidad de Stanford, USA. Se desempeña como académica titular del Departamento de Literatura de la Universidad de Playa Ancha. Es Directora del Centro Interdisciplinario de Estudios de Género de la misma universidad. Ha sido jurado del Premio nacional de Literatura. Algunos de sus poemas han sido premiados en importantes concursos literarios nacionales. Es organizadora es de un Encuentro latinoamericano de Ecopoesía para el mes de noviembre del 2016 en Valparaíso - Chile. Autora de *Cardoscuro* (2013) y *Flora y fauna Poética* (2015). Trabaja en varios proyectos poéticos : *Madre selva*, *Flora y Fauna poética II: Aves, frutas y verduras* y *Canto fluvial*. Contacto: leonora.lombardi@gmail.com

María de los Angeles Roccato. Nació en Mendoza Argentina en 1943. Vivo en Las Heras Mendoza, Argentina. Docente en el Área de Artes Visuales. Actualmente público en dos portales Poesías, pensamientos y reflexiones y en Sentires. Es integrante de la Unión Mundial de Poetas por la Vida y ha participado en dos Festivales organizados por este movimiento literario. Dirección de correo angeles967@yahoo.com.ar

María René Alemán Flores, nació en Zorritos, Tumbes, Perú en 1953. Profesora de Educación Secundaria en la Especialidad de Lengua y Literatura. Pertenece a la Sociedad Tumbesina de Escritores. Labora como Subdirectora de la Institución Educativa "Contralmirante Villar" de Zorritos. Creadora de la Revista "Antología de la Literatura Villarina", he escrito poemas "A mi adorada hija Juliana", "A mis amigos delfines", "Mi Dulce Gorrión", Cuento "El entierro endemoniado", "Leyenda del Barco Fantasma", "Leyenda de las almas en pena de Grau", cumananas. Correo: renealeman_54@hotmail.com

Walter Flores Aguilar. Nació en Tumbes - Perú en 1967. Poeta, editor y antólogo. Profesor de Lengua y Literatura. Ha publicado los libros: **La Literatura de Tumbes, Estudios & Antología (2001), El amor como el alba (2004). Literatura de Tumbes (2007), Magia de ternura.** Está incluido en antologías y en estudios literarios. Poemas suyos aparecen publicados en revistas nacionales e internacionales. Ha sido distinguido por diversas instituciones educativas y culturales del Perú y del extranjero.

Wilma Borchers Carrasco Nacida en Santiago de Chile 1952 Escritora. Cursó estudios de Educación Parvularia en Universidad de Concepción, Concepción Chile. Ocho libros publicados, el libro *Las Sombras del Fuego* ganador del proyecto Gore, Gobierno Regional está dedicado como un homenaje al pueblo Yagán, etnia extinguido de habitantes de la región más austral al borde de la costa en Tierra del Fuego; también cuenta con un libro de ecopoesía *Los Frutos Amargos*. Es integrante de la Cruz Roja de la ciudad de Los Vilos lugar donde reside en la IV región de Coquimbo, Chile. Es Presidenta Honoraria de la Unión Mundial de Poetas por la Vida <Poetas Univa>. Contacto: wilma1752@yahoo.com

*

8 COMPOSITORES

Ananda, como é conhecida Ananda Botelho Mendes, cantora e compositora, nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1987. Lançou seu primeiro CD, "Força da Natureza" - do qual faz parte a canção "O Amor de um Cão" - , em dezembro de 2013, depois de uma extensa carreira no underground carioca. Para realizar esse projeto, afastou-se dos palcos e mergulhou num processo de feitura quase artesanal do disco, ao longo de cinco anos. O álbum então foi lançado de forma independente, com financiamento coletivo. De volta aos palcos, em março de 2014, Ananda foi matéria do jornal "O Globo". Hoje também participa do Promuve (Projeto de Músicas Veganas), do qual participam diversos artistas do Rio de Janeiro e São Paulo, em projeto idealizado por Luís Martini. Site: [facebook.com/anandaforcadanatureza](https://www.facebook.com/anandaforcadanatureza) . Contato: anandabotelhomendes@gmail.com

Andrezão GDS, como é conhecido André Gouveia Santos na cena rap nacional, é músico, compositor, instrumentista e intérprete que nasceu em São Paulo em 1986, mas mudou-se para Fortaleza (CE) em 2012. Com mais de 50 shows entre 2014 e 2015, é um dos rappers mais ativos no Nordeste brasileiro e se identifica como o único MC/rapper vegetariano de Fortaleza. É fundador e responsável pela articulação do Coletivo Maloqueria Fortaleza. Em 2015, lançou seu primeiro álbum

“Na Certeza do Groove” (15 faixas), abrindo o show do Criolo na Praia de Iracema para um público estimado em 10 mil pessoas. Site pessoal: <https://soundcloud.com/andrezaogds> . Contato: aliennationagency@gmail.com

David Turchick, nascido em 1982 nos EUA e radicado no Brasil, decidiu-se em 2001 pelo veganismo. Faz parte das equipes dos sites www.direitosanimais.org e www.naocomocarne.org. Professor do Departamento de Economia da USP, mantém a música como hobby, sendo um aficionado por rock e folk dos anos 60. Está sempre aberto a parcerias com outros músicos ou com poetas/letristas, independente do tema. Contato: davidturchick@gmail.com

Eline Bélier é musicista, compositora, intérprete, ativista em defesa dos animais, socorrista de humanos e de outros animais em situação de abandono. Nas letras de suas canções animalistas abolicionistas pop rock, expõe a indignação vegana pelo assalto violento aos animais não humanos. Em Um Dia Eu Parei Pra Pensar, Eline, que contou com sugestões dos amigos Sam Sarmento e Nirvana Surya na letra, conclama o ouvinte e o leitor a saírem da inércia moral propondo o exercício ético de refletir sobre “o que fazem a gente acreditar”. Contato: elinebelier@gmail.com

Luís Martini é psicólogo, biólogo, professor universitário e vegano. Já trabalhou em projetos desenvolvidos por diversas ONGs nacionais e internacionais relacionadas à causa animal. É diretor acadêmico da ONG Veddas, onde faz acompanhamento e orientação dos casos de Objeção de Consciência dos estudantes que se recusam em participar de aulas de vivissecção e dissecação nas instituições de ensino. É coordenador e um dos fundadores do Grupo de Estudos sobre a Teoria Abolicionista de Gary Francione (Gefran); e idealizador do Promuve (Projeto de Músicas Veganas), do qual fazem parte artistas do Rio de Janeiro e São Paulo. Contato: luismartini@terra.com.br

Maga Lee, nome artístico de Magali Narciso Fortes, reside em São Paulo, onde nasceu, em 1961. Cantou em corais; trabalhou no Sesc, onde respirou e praticou cultura por quatro anos; e na Oficina Cultural Oswald de Andrade, por três anos. Canta, “no meu canto e fora dele, às vezes”; e compõe, “sem técnica, sem compromisso, como forma de expressão do ser e de ser, simplesmente”. Conta que hoje, sua alma se veganizou, e seu canto e poesia se veganizaram com ela. Contato: mnfortes@gmail.com

Marcos Favela nasceu em 1975, reside em Mogi das Cruzes (SP)

e é rapper vegano, tendo já lançado os CDs demo “Pra Abalar” (2000), single “Caneta e Papel” (2005), single “Contra o Extermínio” (2012) e o duplo “Liberdade” (2014). Adepto e ativista do movimento hip hop desde 1995, participou como voluntário em várias ONGs, como a Cedeca (Centro de Defesa e Direitos da Criança e do Adolescente). Foi sonoplasta e locutor em rádios; é dirigente da Casa do Hip Hop de Mogi das Cruzes e oficina de música rap. Vegetariano há 10 anos, é vegano há cerca de dois anos. Contato: mogimarcos@gmail.com

Sergio Filho, guitarrista com vasta experiência como produtor musical, nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1989. Coproduziu o álbum “Força da Natureza”, com músicas interpretadas por Ananda. Deste CD, lançado em dezembro de 2013, faz parte a canção “O Amor de um Cão”. Hoje também participa do Promuve (Projeto de Músicas Veganas), do qual fazem parte diversos artistas do Rio de Janeiro e São Paulo, em projeto idealizado por Luís Martini. Contato: sergiorangelfilho@gmail.com

*

ILUSTRADORES

Débora Pires é ilustradora. Estudou desenho, pintura e ilustração na Quanta Academia de Artes, atuou como caricaturista e realiza trabalhos autônomos em ilustração, design gráfico e criação de logotipos. É cofundadora e desenvolve conteúdo para o website Veggi & Tal - Portal Vegano. Nasceu em 19/11/1984 em São Paulo/SP, onde vive atualmente.

Reynaldo Berto 51 de idade, auto didata e apaixonado pela arte, em relação aos animais preciso melhorar muito sei disso.. moro no bairro de sao judas tadeu desde que nasci, artista por vocacao e amor

Quarta Capa

Este livro compõe-se de 31 poemas de 21 poetas e 23 canções de 12 compositores brasileir@s. Além de outros 14 poemas de 14 poetas hispano-american@s (5 peruan@s, 3 chilenas, 3 equatorian@s, 2 colombianos, e 1 argentina), apresentados no original em espanhol e também traduzidos ao português.

Ou seja, totalizamos 68 pequenas obras líricas de 43 autores sul-americanos, que transformaram sua indignação, sentimento, razão, assombro e luta em arte na forma de versos que se espalham por esta obra colaborativa.

Este é o segundo volume da série “Os Animais Também Contam”; o primeiro, lançado em junho de 2016, reuniu contos, narrativas ficcionais em prosa, uns mais baseados na realidade, outros mais afinados à fantasia e ficção científica. Agora é a vez da poesia, seja lida ou cantada!

Orelhas do Livro

21 poetas

Bruno Müller

Carol Magalhães

Clio Francesca Tricarico

Danielle Bandeira

Dimas Munhoz Gomez

Elen Abreu

Fer Moreno

Francielle Piuco Biglia

George Guimarães

Gerson Luiz

Infinita Devi

Jonas Worcman

Leonardo Ortegá

Lívia Hay

Marcelo Rossin

Maurício Kanno

Paula Dassie

Rodolfo Júnior

Viviane Lima

Zélia Bora

Zetti Nunes

13 poetas da América Hispânica

Peru/Perú

Armando Azcuña Niño de Guzman

Felix Hugo Noblecilla Purizaga

María René Alemán Flores

Samuel Ancajima Mena

Walter Flores Aguilar

Chile

Elena De Latorre

Leonela Lombardi

Wilma Borchers Carrasco

Ecuador/Equador

Julia Veintimilla

Karina Gálvez

Colombia/Colômbia

Carlos Urbina Algarin

José A. Guzmán Carrascal

Argentina

Maria de los Angeles Roccato

12 compositores

Ananda Botelho Mendes

Andrezão GDS

Carol Magalhães

Clésio Tapety

David Turchick

Eline Belier

Luís Martini

Maga Lee

Marcos Favela

Maurício Kanno

Sergio Filho

Zetti Nunes

Capa

Lívia Hay (ilustração)

Paula Dassisti (?)

Ilustradores

Lívia Hay

Maurício Kanno